



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E
LÍNGUAS CLÁSSICAS**

**AQUISIÇÃO DA LSB POR CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE PAIS NÃO SURDOS
E APRENDIZAGEM DA LSB POR PAIS NÃO SURDOS DE CRIANÇAS SURDAS**

LAUANA CRISTINA DE SOUSA GADELHA

Brasília - DF

2019

LAUANA CRISTINA DE SOUSA GADELHA

**AQUISIÇÃO DA LSB POR CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE PAIS NÃO SURDOS
E APRENDIZAGEM DA LSB POR PAIS NÃO SURDOS DE CRIANÇAS SURDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação em
Língua de Sinais Brasileira-Português como
Segunda Língua como requisito parcial à
obtenção do Grau de Licenciada pela
Universidade de Brasília.

Orientadora: Sandra Patrícia de Faria do
Nascimento

Brasília – DF

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

LAUANA CRISTINA DE SOUSA GADELHA

AQUISIÇÃO DA LSB POR CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE PAIS NÃO SURDOS E APRENDIZAGEM DA LSB POR PAIS NÃO SURDOS DE CRIANÇAS SURDAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Língua de Sinais Brasileira – Português
como Segunda Língua, como requisito
parcial à obtenção do Grau de Licenciado
pela Universidade de Brasília.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia de
Faria do Nascimento**

Banca examinadora:



**Profa. Dr.^a Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (UnB/LIP-IL)
Presidente da Banca**



**Prof. Ms. Messias Ramos Costa (UnB/LIP-IL)
Membro Interno**

Aprovado em: 10 de julho de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos pais e padrasto:

Eunice, Francisco Gadelha (*in memoriam*) e Afonso

Às minhas irmãs: Katiuce e Gardênia; e, também, aos meus queridos e queridas
amigos e colegas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, que me presenteou, dando-me experiências, dons, coragem quando precisei. Ele me fez sábia e, por diversas vezes, me senti importante; eu sempre dependi D'Ele, que me ensina a todo momento.

Agradeço à minha querida mãe, Eunice, maravilhosa, conselheira e carinhosa; sempre presente na vida de sua única filha. Também, agradeço, em lembrança, ao meu pai Francisco Gadelha (*in memoriam*) sempre, melhor amigo, que saudade! Ao meu querido padrasto Afonso, pela união e a ajuda, pelo sempre bom relacionamento, empatia, paciência; aprendo muito com ele.

Agradeço às minhas queridas irmãs: Katiuce e Gardênia, e aos meus cunhados Helber e Toni, que sempre me deram atenção, união e, sempre. Pelo nosso bom relacionamento.

Às minhas queridas colegas e amigas de UnB: Stefany Marques, Ingrid da Costa e Bruna Rezende, que sempre me ajudaram e apoiaram o meu caminhar, a vida e o desenvolvimento acadêmico. Tivemos um relacionamento maravilhoso.

Às queridas amigas: Rayssa Oliveira, Mônica Azevedo e Thamires Machado, sempre carinhosas, falantes de Língua de Sinais Brasileira, que contribuíram como o meu conhecimento acadêmico, linguístico, o que aumentou a minha experiência; também, aos meus queridos amigos Isabella Dantas e Mateus Felipe, que sempre me ensinaram na igreja.

Às minhas profissionais consultoras, a querida aluna e orientadora, a Prof^a. Dr^a. Heloisa Salles, que me ajudou a relacionar os conhecimentos em Língua de Sinais Brasileira com os conhecimentos que aprendi dela, na área da teoria gerativa; e a outra eterna aluna, a Prof^a. Dr^a. Mariana Mastrella Andrade, para quem ensinei LSB, e de quem sempre recebi conhecimento e carinho. Agradeço, porque as reflexões linguísticas contribuíram muito com o meu trabalho. Também, à minha Prof^a. Dr^a. Cristiane Nascimento, sempre carinhosa comigo.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, com quem aprendi, mais profundamente, sobre as teorias de aquisição da linguagem.

Muita obrigada a todos vocês!

EPÍGRAFE

Espera no Senhor, anima-te, e ele fortalecerá o teu coração; espera, pois, no Senhor.
Salmos, 27:14

RESUMO

Este trabalho insere-se em linha de pesquisa do curso de Língua de Sinais Brasileira (LSB)-Português com segunda língua (PSL), que trata da aquisição da LSB por crianças surdas, filhas de pais não surdos e de como os pais dessas crianças aprendem a Língua de Sinais Brasileira. Apresentamos como objeto de estudo dessa pesquisa a busca de verificar se há problemas ou dificuldades na comunicação dos pais não surdos com seus filhos surdos e se eles conseguem estabelecer uma comunicação visual com os filhos surdos. A Língua de Sinais Brasileira é a primeira língua das crianças surdas. Em respeito à Lei 10.438/2002 e a Decreto 5626/2005 é direito do surdo ter acesso às informações em língua de sinais. Um dessas formas é oferecer as crianças surdas em processo de aquisição da linguagem para escola bilingue dentro disciplina de aula o currículo no ensino de LIBRAS. Para tanto, segue a Metodologia para somente esse grupo de crianças surdas apresenta o input linguístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição, Quadro (1997). O resultado da pesquisa é uma aquisição da LSB com definições em Língua de Sinais voltada para pesquisar e estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de LSB como L1, Aprendizado de Língua de Sinais Brasileira (LSB/LIBRAS) como L2.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – O conteúdo de LSB

Tabela 2 – O conteúdo de português escrito

Tabela 3 – Questionário - Surdos na Escola Bilingue Libras e Português Escrito de Taguatinga

Tabela 4 – Questionário - Surdos na Universidade de Brasília – UnB

Tabela 5 – Questionário - Pais de surdos na Escola Bilingue em Taguatinga

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - NÃO E ONDE (ASL) (Quadros e Karnopp, 2004)

Figura 2 - Moore e Levitan (1993:38) Libras? Língua é esse? (Gesser, 2009)

Figura 3 - Língua Britânico/ Língua Americano/ Língua Sueco (Gesser, 2009)

Figura 4 - Comunicação

Figura 5 - Hemisférios esquerdo e direito

Figura 6 - Configuração mão

Figura 7- 46 CMs de Ferreira-Brito e Langevin (1995)

Figura 8 - 61 CMs do Nelson Pimenta

Figura 9 - 64 CMs da Tanya Felipe (2001)

Figura 10- 75 CMs da Sandra Nascimento (2009)

Figura 11- Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue (2013)

Figura 12- Libras em Contexto (2007)

Figura 13- Locação ou Ponto Articulação (Quadros e Karnopp, 2004)

Figura 14- Orientação da Mão: para cima e para baixa (Quadros e Karnopp, 2004)

Figura 15- Orientação da Mão: para dentro, para fora, para o lado (contralateral) e para o lado (ipsilateral) (Quadros e Karnopp, 2004)

Figura 16- Expressão Facial (EF) – IFSC Palhaço Bilingue - SC

Figura 17- INTERROGATIVAS – IFSC Palhaço Bilingue - SC

Figura 18- AFIRMATIVAS/NEGAÇÃO – IFSC Palhaço Bilingue – SC (2007/2008)

Figura 19- EXCLAMATIVAS – IFSC Palhaço Bilingue – SC (2007/2008)

Figura 20- Advérbio Modo: ALEGRE, ALEGRE muito, TRISTE, TRISTE muito (Libras em Contexto, 2007)

Figura 21- Advérbio Modo: ^{2s}OLHA^{12satenção}, ^{1s}OLHAR^{2satenção}, ^{1s}OLHAR^{desdesenhosmente} (Libras em Contexto, 2007)

Figura 22- Adverbio Modo: BONIT@,BONIT@_{mu}ito, CANSAD@, CANSAD@_{mutio}
(Libras em Contexto, 2007)

Figura 23- francês Charles Michel de L'épée (Londres, Inglaterra: Bridgememan, Art Library, 1900)

Figura 24- CHAVES

Figura 25- KIKO

Figura 26- DONA FLORINDA

Figura 27- DONA CLOTILDE

Figura 28- TILPS

Figura 29- CILLTTLS

Figura 30- Nancy Rourke

Figura 31- Alfabeto de Hannan

Figura 32- ASL Zone

Figura 33- Eye Tree Community

Figura 34- MÃOS E “A” (Amarildo João Espindola)

Figura 35- Amarildo João Espindola

Figura 36- ADÃO E EVA (Rosa e Karnopp)

Figura 37- CINDERELA SURDA E RAPUNZEL SURDA (Hessel, Karnopp e Rosa, 2003/2005)

Figura 38- O FEIJÃOZINHO SURDO, Kuchenbecker

Figura 39- Hessel, Karnopp e Rosa (2018)

Figura 40- PATINHO SURDO, Hessel, Karnopp e Rosa (2018)

Figura 41- Festival Despetacular – Brasília-DF

Figura 42- II Festival Cultura e Literário em Libras da UFPE

Figura 43- Workshop de Literatura Surda

Figura 44- SURDOS SHOW HUMOR (Ilustrador Fabio Sellani)

Figura 45- MISS SURDA BRASIL (2013)

Figura 46- MISS SURDA DISTRITO FEDERAL

Figura 47- FDSESP

Figura 48- FDSP PARANÁ

Figura 49- FDSRS

Figura 50- CBDS

Figura 51- 2º Surdolimpíadas do Brasil (2019)

Figura 52- MICHELLE BOLSONARO

Figura 53- Coda Brasil

Figura 54- CAM-VIDEO

Figura 55- MANIFESTAÇÕES SURDOS

Figura 56- FENEIS

Figura 57- RAÇA E ENTIA

Figura 58- RAÇA NO BRASIL

Figura 59- Língua de Sinais KAAPOR

Figura 60- NEGRO SURDO

Figura 61- CONGRESSO NACIONAL DE INCLUSÃO SOCIAL DE NEGRO SURDO

Figura 62- CNISNS FLORIANPLOIS-SC

Figura 63- And Your Name is Jonah

Figura 64- *Mr. Holland - Adorável Professor*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL - Língua de Sinais Americana

AL2 - Aquisição de segunda língua

CBDS - Confederação Brasileira de Desporto dos surdos

CM - Configuração de mão

CNISNS - Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo

CODA - Children of Deaf Adults

DAL - Dispositivo de aquisição de linguagem

EFC - Expressões Faciais e Corporais

FEES - Federação Estadual Esportiva de Surdos

GU - Gramática Universal

INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LS - Língua de Sinais

LSB - Língua de Sinais Brasileira

LIBRAS- Língua de Sinais Brasileira

L - Locação

L1 - primeira língua

L2 - segunda língua

ENM – Expressões Não-Manuais

M - Movimento

MEC- Ministério de Educação

PSL - Português como segunda língua

Or - Orientação da palma da mão

ONU - Organização das Nações Unidas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
-----------------	---

CAPÍTULO 1

1. AQUISIÇÃO DE LSB, PELA CRIANÇA SURDA, COMO LÍNGUA NATURAL	
1.1.LSB como língua natural.....	7
1.2.Aquisição da LSB por crianças surdas.....	12
1.3.Estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira.....	16
1.3.1. Áreas da Linguística.....	16
1.3.2. Status linguístico da LSB.....	17
1.3.3. Linguística da LSB.....	18
1.4.Língua de Sinais Brasileira (LSB/LIBRAS).....	29
1.5.Bilinguismo.....	31
1.5.1. Bilinguismo para surdos.....	31
1.5.2. Língua de Sinais Brasileira como primeira língua.....	32
1.5.3. Português como segunda língua.....	33
1.6.História de educação para surdos.....	34
1.6.1. Educação de Surdos.....	34
1.6.2. Educação Bilíngue de e para surdos.....	37
1.7.Currículo no ensino em LIBRAS.....	39
1.7.1. Ensino de LSB como primeira língua.....	39
1.7.2. Ensino de Português como segunda língua.....	42

CAPÍTULO 2

2. A RELAÇÃO ENTRE OS PAIS NÃO SURDOS E SEUS FILHOS SURDOS.....	45
2.1. NARRATIVAS DE SURDOS FILHOS DE PAIS NÃO SURDOS.....	45
2.2. ENTRE PAIS NÃO SURDOS E FILHOS SURDOS: IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO DE LSB.....	48
2.2.1. Desafio da LIBRAS.....	49
2.2.2. Desafio da comunicação entre pais não surdos e filhos surdos.....	50
2.3.O PAPEL DA ESCOLA NA RELAÇÃO ENTRE OS PAIS NÃO SURDOS E A CRIANÇA SURDA.....	51
2.3.1. Escola Bilíngue.....	51
2.3.2. Cultura Surda.....	53
2.3.3. Comunidade Surda e Povo Surdo.....	67
2.3.4. Etnia.....	70
2.4.RELAÇÃO PAI NÃO SURDO E FILHO SURDO, REVELADA EM FILMES.....	73
2.4.1. Meu nome é Jonas (filme).....	73
2.4.2. Mr. Holland - Adorável Professor (filme).....	76

CAPITULO 3 – METODOLOGIA

3. A RELAÇÃO ENTRE OS SURDOS E SEUS PAIS NÃO SURDOS.....	77
3.1. Depoimentos de surdos jovens e adultos filhos de pais não surdos.....	77
3.1.1. Questionário com filhos surdos	77
3.1.2. Análise dos depoimentos.....	83
3.2. Depoimentos de pais não surdos de filhos surdos.....	84
3.2.1. Questionário com pais não surdos de filhos surdos.....	84
3.2.2. Análise dos depoimentos.....	86
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 88
ANEXOS.....	89
REFERÊNCIAS.....	92

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre a aquisição da língua de sinais brasileira (LSB) por crianças surdas que filhas de pais não surdos. Queremos demonstrar como se dá essa relação entre pais não surdos e filhos surdos. Sabemos que a língua de sinais brasileira é a língua oficial da comunidade surda brasileira. É necessário que os surdos tenham acesso a essa língua que lhes é acessível e possa tornar-se “sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos, e para construir sua identidade, é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a língua em comum: língua de sinais”, nas palavras de Strobel (2018, p.5).

Por meio da Lei nº 10.436/2002, conhecida como a Lei de Libras, os Surdos ganham reconhecimento linguístico e a garantia de direitos. Esta Lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5626/2005, uma legislação que traz informações relevantes para a nossa pesquisa no que diz respeito a quem é o Surdo e quais são os seus direitos linguísticos.

A intenção dessa pesquisa foi tratar da aquisição da língua de sinais por pessoas surdas de qualquer natureza, inclusive aquelas que têm perda auditiva congênita ou neurossensorial com níveis de perda auditiva bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB).

A aquisição de língua, pelas crianças surdas, acontece da mesma forma que a das crianças não surdas. A diferença está nas modalidades das línguas adquiridas, mas o processo é o mesmo. As crianças surdas aprendem a língua de sinais, criando sua própria identidade, a partir de uma inserção na cultura surda.

Quando os pais não conhecem as comunidades surdas e as comunidades linguísticas de surdos, e desconhecem que os surdos têm como língua natural a Língua de Sinais Brasileira, caso dos surdos brasileiros, eles precisam aprender que não podem chamar a Língua de Sinais Brasileira de linguagem gestual e nem de mímica, pois ela é a primeira língua dos surdos, uma língua espaço-visual.

Estudos linguísticos definem a língua de sinais como língua natural e humana. A Linguística é uma ciência que descreve língua em todos os seus aspectos e formula teorias de como elas funcionam. Para Lyons (1987), a pergunta “o que é língua e

linguagem?” traz em si a pressuposição de que cada uma das milhares de línguas naturais, de reconhecimento distinto, é um caso específico de algo mais geral, segundo Quadros e Karnopp (2004).

As áreas da linguística da Língua de Sinais Brasileira têm como principais estudos: Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica e Pragmática, com estudos desenvolvidos a partir de Stokoe (1960). E Stokoe (1965 *apud* QUADROS) observou, ainda, que o entendimento sobre línguas em geral e sobre línguas de modalidade visoespacial aumentou consideravelmente. Hoje há uma quantidade razoável de investigações na área da linguística, não apenas sobre a estrutura, mas também sobre a aquisição, o uso e o funcionamento dessas línguas.

Os estudos das línguas de sinais no sentido das investigações linguísticas apresentam evidências de que as línguas de sinais observam as mesmas restrições que se aplicam às línguas faladas (STOKOE et alli, 1976; BELLUGI & KLIMA, 1972; SIPLE, 1978).

No Brasil, a língua de sinais brasileira começou a ser investigada nas décadas de 80 e 90 (FERREIRA BRITA, 1986; FELIPE, 1992, 1993; QUADROS, 1995, 1999) e a aquisição da língua de sinais brasileira, a partir dos anos 90 (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1995, 1997).

Estuda-se muito a aquisição de LSB como primeira língua – L1 para crianças surdas e a escrita do português como segunda língua – L2, dentro da Escola Bilíngue para surdos.

JUSTIFICATIVA

A maioria das crianças surdas filhos de pais não surdos não domina a língua de sinais brasileira; elas enfrentaram durante a infância problemas de má comunicação e interpretação no ambiente familiar, devido à barreira linguística. A escola tem um papel importante de mediar conflitos e ajudar os pais a compreenderem melhor a cultura surda e o mundo dos surdos e ainda pode levar os pais a aprenderem a LSB.

Essa investigação levanta a hipótese de que é importante, a relação dos pais não surdos-com seus filhos surdos, pois na experiência de aluna do curso de Língua de Sinais Brasileira- Português como Segunda Língua para surdos, percebi o tanto que é importante ter a língua de sinais adquirida como língua primeira pelos surdos. Também, a minha experiência escolar permitiu ensinar Libras em oficinas desenvolvidas para crianças surdas na escola, usando o currículo de Libras da educação básica, estudado nos cursos de Pedagogia e de Educação Especial.

O Ensino de Libras para crianças surdas é importante, porque a maioria das crianças surdas adquire a língua de sinais na escola. A língua de sinais auxilia na aquisição de uma identidade e cultura e, nesse caso, os professores surdos formados para ensinar Libras têm um papel muito importante.

É preciso mostrar que a língua de sinais é a primeira língua dos surdos e, por isso, os pais não surdos precisam aceita-la para se comunicarem com as crianças surdos, porque os pais não surdos não costuma contar histórias para seus filhos, não mostram livros de história de não conversam com eles em LSB.

OBJETIVOS

Entre nossos **objetivos gerais** estão:

1. Afirmar que a LSB é a primeira língua das crianças surdas;
2. Reconhecer que se os pais não surdos não souberem LSB, pode haver falhas no desenvolvimento linguístico da criança surda.

Entre nossos **objetivos específicos**:

- Demonstrar, com base nas pesquisas linguísticas, as etapas de aquisição da LSB por crianças surdas;
- Aplicar questionário aos surdos adultos filhos de pais não surdos sobre sua infância;

- Defender a importância do papel da escola em colaborar com a família no desenvolvimento linguístico e social da criança surda.

HIPÓTESE

Se os pais não surdos de crianças surdas não aprendem a língua de sinais brasileira para se comunicar com seus filhos surdos pode acontecer falhas no desenvolvimento da criança surda, pois é pela língua que os ensinamentos serão passados para a criança. O problema é que dificilmente os pais não surdos conseguem uma comunicação eficaz seus filhos surdos. Por causa disso, as famílias costumam enfrentar crises de relacionamento. Também, dificilmente, comunicam-se pela escrita entre si (pais e filhos).

Como já dissemos, os pais não surdos não sabem como se comunicar com os filhos surdos e também não conhecem sobre os surdos. O problema fica na comunicação visual com os surdos é quase nula, pois pensam que a língua gestual é errada. Quando os pais de surdos descobrem que um dos filhos é surdo, matricula-o em Escola Bilíngue. Desde o início da década de 2000, os surdos lutam por escolas bilíngues, porque acreditam que, em escola bilíngue, relacionar-se por meio da língua de sinais brasileira irá permitir que se relacionem melhor com os outros surdos e com a sociedade e, também adquirem mais conhecimento.

Na Suécia, os pais não surdos, quando descobriam que seus filhos eram surdos, eram orientados a estudar a Língua de Sinais Sueca para aprender a comunicação com seus filhos surdos. Aos pais não surdos brasileiros deve ser garantido participar de cursos de LIBRAS. A língua de sinais é importante para garantir a comunicação das crianças surdas brasileiras, desde a aprovação da Lei de Libras. Os pais não surdos aprendem LIBRAS por seus filhos surdos, por seu relacionamento familiar, pela fácil comunicação e para evitar problemas de comunicação dentro da família.

A aprendizagem de Libras como primeira língua (L1) e a língua oficial para crianças surdas na escola precisa ser garantida no planejamento que busca o ensino e a aprendizagem para crianças surdas, além de um currículo adequado para o

ensino de Libras. É preciso, ainda, desenvolver metodologias, materiais didáticos com Libras e oferecer vocabulário para a comunicação visual, em língua de sinais.

Os cinco parâmetros da Língua de Sinais Brasileira possuem uma estrutura composta por configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressão não manual (facial e corporal). Para o desenvolvimento do conhecimento e para a aquisição da linguagem, os parâmetros têm um papel muito importante. Dentro da fonologia da LSB, na área de linguística, com as expressões faciais, muito importantes. Pelas expressões faciais as crianças surdas percebem traços linguísticos, o que facilita a comunicação visual da pessoa surda,. Os classificadores também têm um papel de destaque no processo de aquisição da língua de sinais. Em Libras também é importante manifestar o vocabulário da Literatura (narrativa, música, o livro de história etc.). Também são importantíssimos, a Arte em Libras e a Escrita de Libras com materiais didáticas com Libras em sala de aula.

CAPÍTULO 1

AQUISIÇÃO DE LSB PELA CRIANÇA SURDA, COMO LÍNGUA NATURAL

Esse capítulo da pesquisa tem como objetivo avaliar a aquisição da LSB por crianças surdas, numa perspectiva linguística, na relação entre pais não surdos e filhos surdos. Como temas a serem abordados estão a aquisição da LSB por crianças surdas, a LSB como língua natural, a aquisição da LSB por crianças surdas, a necessidade de os pais aprenderem a língua de sinais, estudos linguísticos sobre a Língua de Sinais Brasileira, o Bilinguismo, a História da educação dos surdos e o currículo para o ensino de LIBRAS.

1.1. LSB COMO LÍNGUA NATURAL

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.30), “as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação”. Também é possível dizer que correspondem a um sistema linguístico legítimo e não um problema do surdo ou uma patologia da linguagem.

Stokoe (1960, *apud* QUADROS, 2004, p.30) “percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. O autor observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, uma complexa estrutura interior”.

Pesquisas realizadas em diversos países procuram descrever, analisar e demonstrar o *status* linguístico das línguas de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua, conforme especificações a seguir (KARNOPP, 1994 *apud* QUADROS, 2004, p.31). Sobre essas reflexões é que emergem os seis mitos sobre a língua de sinais, (QUADROS & KARNOOP, 2004, p.31-36):

Mito 1: *A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.*

Quadros e Karnopp (2004, p.32) concluíram que uma língua de sinais não é transparente, inteligível, criada por surdos monolíngues ou conhecedores de outras línguas de sinais. Por exemplo, no Brasil o sinal manual para NÃO, apesar de ser considerado icônico, apresenta um significado completamente diferente na língua de sinais americana, conforme ilustrações abaixo:



Figura 1: NÃO E ONDE em ASL (QUADROS E KARNOPP, 2004)

A língua de sinais oferece a capacidade de identificar termos iguais para conceitos diferentes. Por isso, em diferentes contextos como aqueles em que o conceito de duas unidades lexicais, a saber. “NÃO (GERAL) e ONDE” (ASL), sinais marcados por traços linguísticos e arbitrariedade. A língua de sinais é capaz se conversar no espaço, com a expressão facial e corporal, como dizem, “negar, afirmar, desconfiar, os sentimentos” as várias gramáticas são marcadas pela linguagem facial e corporal, não necessariamente, por gestos.

De acordo com Gesser (2009, p.22:23), “a pressuposição de que não se consegue expressar ideias ou conceitos abstratos está firmada na crença de que a língua de sinais é limitada, simplificada, e não passa de um código primitivo, mímica, pantomima e gesto. Para nos desvincularmos dessa acepção exposta, devemos entender que sinais não gestos. Pelo menos se não pensarmos gestos de acordo com a definição anterior. É correto afirmar que as pessoas que falam línguas de sinais expressam sentimentos, emoção e quaisquer ideias ou conceitos abstratos. Tal como os falantes de línguas orais, os falantes de línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos etc.”

Mito 2: *Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todos as pessoas surdas.*

Uma das crenças mais recorrentes quando se fala em língua de sinais é que ela é universal. Uma vez que essa universalidade está ancorada na ideia de que toda a língua de sinais é um “código” simplificado aprendido e transmitido aos surdos. De forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo. (GESSER, 2009, p.11)

Com língua de sinais não é diferente: nos Estados Unidos, os surdos “falam” a língua de sinais americana; na França, a língua de sinais francesa; no Japão, a língua de sinais japonesa; no Brasil, a língua de sinais brasileira, e assim por diante. Podemos dizer que o que é universal é o impulso de sinalizar e sinalizado. (GESSER, 2009, p.11-12).



Figura 2: Libras? Que língua é essa? Gesser, 2009

Exemplo de alfabeto de algumas línguas de sinais:

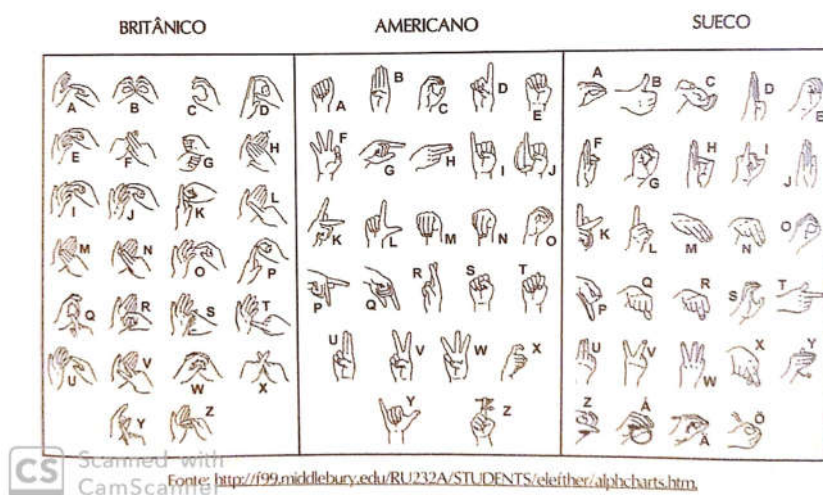


Figura 3: Libras? Que língua é essa? (Gesser, 2009)

Esses são exemplos de diferentes alfabetos manuais em alguns países, nos mostrando que a língua de sinais não é universal.

Mito 3: *Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinados e inferior as línguas orais?*

De acordo com Gesser (2009, p. 33), não. A língua de sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independentemente de qualquer língua oral, nada afeta sua concepção linguística. Educacionalmente, o uso do português sinalizado tem sido alvo de muitas críticas, porque se insere na filosofia do bimodalismo. Ferreira Brito (1993), por exemplo, fala da impossibilidade de preservar as estruturas das duas línguas usando a língua de sinais para falar a língua oral.

A língua de sinais brasileira parece ter sido oriunda da língua de sinais francesa, apresentam área de linguística, é assim a língua portuguesa no Brasil é a origem os pais em Portugal. A língua de sinais Brasileira tem com estrutura língua própria.

Um exemplo disso são as diferenças entre as línguas de sinais brasileira e portuguesa, apesar dos respectivos países em que são usadas pelas comunidades surdas falarem a língua portuguesa. Assim sendo, é um erro pensar que as línguas de sinais são subordinadas as línguas faladas. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.34)

Mito 4: *A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.*



Figura 4: COMUNICAÇÃO

As línguas de sinais são expressas por poemas, narrativas, opinião; a comunicação por meio dessa língua é reconhecida como nas demais. Agrega-se o fato de que a língua de sinais carrega emoção, literatura e traços da cultura surda.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.35), esta concepção declara que faltam às línguas de sinais complexidade e poder expressivo, sendo consideradas empobrecidas lexical e gramaticalmente, não expressando proposições abstratas. Adicionalmente, não há limites práticos para a ordem, tipo ou qualidade de uma conversação em sinais, exceto aqueles impostos pela memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência. Em relação a isso as línguas de sinais não são diferentes das línguas orais.

Mito 5: *As línguas de sinais desvirariam da comunicação gestual espontânea dos não surdos.*

As línguas de sinais têm viso-gestual dentro a expressão facial, mas a língua de sinais é a linguística, pessoas se pensam a língua de sinais é a fácil, por isso o gestual, não é verdade. Precisam o se comunicar a língua de sinais, por exemplo diferentes entre Língua de Sinais Brasileira (LSB) e Língua Gestual Português (LGP), só sinais e gestual são os diferentes.

A ideia de que as línguas de sinais não são línguas, mas sim apenas “gestos” que se originam na comunicação gestual espontânea, portanto, universal, inferior e limitada, advém de longa data, quando acreditava-se que a linguagem estava associada á capacidade do ser humano de “falar”.(QUADROS & KARNOPP, 2004, p.36)

Mito 6: *As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.*

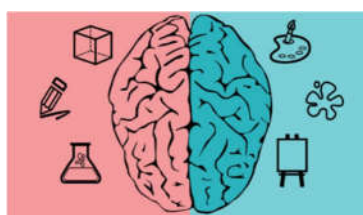


Figura 5: HEMISFÉRIOS ESQUERDO E DIREITO¹

Os surdos têm dois esquadro e direito, sem prejuízo a memória, a língua de sinais é natural a própria o processo a linguística se comunicação visual, são igualdades os humanos.

De acordo com Bellugi e Klima (1990 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 36) apresentam resultados de pesquisas com surdos com lesões nos hemisférios esquerdo e direito tinham condições e processar todas as informações linguísticas das línguas de sinais, mesmo sendo essas viso espaciais. O interesse em relação ao estudo das línguas de sinais é crescente, pois, até bem pouco tempo, as concepções e investigações acerca da linguagem humano era proporcionadas pelo estudo das línguas orais. Entretanto, as línguas de sinais, podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua que apresenta certas particularidades em relação às línguas orais.

1.2. AQUISIÇÃO DA LSB POR CRIANÇAS SURDAS

Duas línguas devem estar presentes no contexto de aquisição linguística dos surdos: a língua de sinais brasileira (primeira língua) e português escrito (segunda língua). para crianças surdas e filhos de pais não surdos os processos aprendizagem a língua oficial.

A importância da aquisição de LS por surdos desde a idade cediça, seja por meio de pesquisa científicas (Karnopp, 1999), ou pela implementação de projetos para desenvolvimento de políticas linguística (Quadros, 2012). Estas decisões baseadas puramente nas pesquisas médicas criam uma barreira institucionalizada para que as crianças surdas, que são majoritariamente filhas de pais não surdos não

¹ Disponível em <https://www.vix.com/pt/ciencia/545009/como-funciona-cada-lado-do-seu-cerebro-e-incrivel-a-capacidade-de-cada-hemisferio>

tenham acesso a uma língua em idade típica. Por isso, estudos como este mostram que comunidades desligadas podem sofrer ainda mais com a ausência de política linguísticas, atrasando a idade de contato do surdo com uma língua estável, e ainda, mostram que a escassez de políticas públicas voltadas para a aquisição de um LS se configura como um caso de negligência linguística. (SILVA & SOUSA, *apud* QUADROS & STUMPF, 2018, p.38)

Lima-Salles e Naves (2010, p.27), assim, para que ocorra, a aquisição de língua “é fundamental que o input linguístico seja acessível à criança”. Devido as características de sua capacidade perceptual, o input linguístico a ser oferecido precisa ser veiculado na modalidade visual-especial. Ocorrem na aquisição de língua de sinais (LS) pela criança surda.

“Na aquisição das línguas de sinais, vários estudos têm se debruçado na aquisição tardia. Isso acontece porque há uma incidência significativa de crianças surdas com pais ouvintes que não adquirem a língua de sinais no período comum de aquisição da linguagem” (QUADROS E PIZZIO, 2011, p. 46).

As crianças surdas precisam adquirir a língua de sinais brasileira para desenvolver uma língua. Os pais não surdos precisam respeitar a opção de seus filhos por uma língua visual, de comunicação visual.

Quadros, Cruz e Pizzio (2007) também observaram alguns atrasos no desenvolvimento da linguagem de surdos com aquisição tardia. Então, o que parece determinar a aquisição da linguagem é o que está por trás da expressão linguística, ou seja, são princípios que regem a aquisição da linguagem. Assim, os estudos da linguagem podem ser desenvolvidos a partir dos estudos da aquisição da linguagem em diferentes contextos linguísticos. Chomsky chama a atenção para o fato de que mesmo havendo. Um input dito normal, ele ainda assim pode ser inconsistente e apresentar diferentes níveis de complexidade. Estudos realizados com crianças diante destes diferentes contextos linguísticos mostram que mesmo assim a criança desenvolve a linguagem com uma forma diferente e mais complexa do que aquela apresentada no seu input. Talvez os casos mais extremos de privação linguística sem privação social envolvem os estudos de surdos sem input convencional. Os pais das crianças surdas tendem a educar seus filhos utilizando uma linguagem oral proibindo o uso da língua de sinais.

Quadros, Cruz e Pizzio (2007) realizaram um estudo experimental para avaliar o desenvolvimento de crianças/adolescentes surdos diante de diferentes idades de acesso à língua de sinais (input); analisar o desenvolvimento da linguagem nessas crianças surdas, considerando os contextos de aquisição da língua de sinais; e verificar se os resultados desta pesquisa sustentam a hipótese do “input empobrecido” e a hipótese do “período crítico/sensível”.

Lillo-Martin (2008) apresenta algumas perspectivas interessantes para os estudos da aquisição da linguagem, tanto para a área específica dos estudos da aquisição da linguagem, como para a Teoria Linguística. A autora propõe esta revisão considerando algumas categorias para a sua apresentação, uma vez que estes estudos tiveram diferentes enfoques ao longo de suas produções. Alguns estudos ocuparam-se de analisar o processo de aquisição da língua de sinais em crianças surdas, filhas de pais surdos, ou seja, em ambientes de aquisição espontânea da língua de sinais. Tais estudos verificaram que essas crianças adquirem a língua de sinais nos mesmos estágios de aquisição observados em quaisquer línguas. Esses resultados estabeleceram o paralelo entre a aquisição de línguas de sinais e de línguas faladas.

As investigações em relação à aquisição da linguagem de crianças surdas procuram colocar os informantes em categorias separadas, considerando o ambiente linguístico da criança. Assim, temos crianças surdas com pais surdos (ou somente o pai ou somente a mãe) e crianças surdas com pais não surdos. (KARNOPP, 2011, p.283).

“Uma descrição detalhada sobre o desenvolvimento inicial da linguagem deveria, além de discutir aspectos da produção gestual da criança, incluir também informações sobre a percepção de sinais pela criança e sobre a interação entre o adulto e o bebê no processo de aquisição da língua de sinais. (KARNOPP, 2011, p.85)”

Segundo Quadros e Cruz (2011, p. 25) A grande maioria das crianças surdas é filha de pais não surdos que normalmente não conhecem a língua de sinais e muitas vezes nunca viram um surdo. Esse fator interfere diretamente no processo de aquisição da linguagem dessas crianças, uma vez que, até os pais tomarem conhecimento da língua de sinais e admitirem o seu uso, as crianças ficam praticamente sem input linguístico. Essas crianças, quando ingressam na clínica ou na escola, descobrem a língua de sinais e a partir daí iniciam o seu processo de

aquisição da linguagem, embora tardio. Várias crianças iniciam a aquisição da língua de sinais na escola de surdos, com colegas surdos ou em clínicas com profissionais bilíngues. De acordo com Quadros e Cruz (2011, p.24)

“Os estudos em aquisição da língua brasileira de sinais em crianças surdas, filhas de pais ouvintes, representam uma área que necessita de mais investigações quanto à aquisição da linguagem.”

Isso é importante porque as línguas humanas diferem não apenas em seu ritmo e em vocabulário, como também nos meios pelos quais formas gramaticais específicas (por exemplo: nomes, adjetivos e verbos) são chamadas para expressar aspectos semânticos fundamentais. (CORREA, 2006, p.132).

De acordo com Correa (2006, p.132), mesmo diante dessas variações, há uma universalidade impressionante entre línguas no que diz respeito à taxa e ao tempo de aquisição da linguagem em geral e da aprendizagem de palavras em particular (GENNER, 1982; OCHS & SCHIEFFELIN, 1984; HUTTENLOCHER & SMILEY, 1987; MARATSOS, 1998; WOODWARD & MARKMAN, 1998; WAXMAN, 1999).

Nessa proposta de pesquisa, buscamos investigar como vinculações palavra mundo específicas são adquiridas, quais são (se e que alguma esta) disponíveis no início da aquisição da linguagem; como elas tomam forma no curso do desenvolvimento linguístico. As evidências evolutivas aqui relatadas não sustentam essa possibilidade em sua versão mais forte, visto que a criança parece começar o processo de aprendizagem de palavra com tipo de vinculação semântica consideravelmente mais geral do que a que se pode observar em usuários da língua, já maduros. (CORREA, 2006, p.160 e 161).

A teoria pautada na base pode explicar alguns comportamentos de aquisição da linguagem do Surdo ao comprovar que crianças Surdas, mesmo não expostas a nenhum tipo de linguagem oral-auditiva ou espaço visual “desenvolvem espontaneamente um sistema de gesticulação manual e que há semelhanças entre os sistemas desenvolvidos por crianças surdas que nunca tiveram contato ente si”, segundo (FERNANDES, 2003, p.30 *apud* LOURENÇO, 2017, p.23).

A pesquisa também apresenta uma comparação entre aprendizes iniciantes e avançados, evidenciando um padrão de desenvolvimento da aquisição. Assim, esse estudo identifica um processo de aquisição da fonologia, de certa forma, análogo à

aquisição da Libras por crianças surdas (KARNOPP, 1999 *apud* QUADROS, LEITE & STUMPF, 2013, p.27 e 28).

“Na maioria das vezes, as crianças surdas são filhas de pais não surdos e apresentam uma variação muito grande na quantidade de qualidade do *input* em Libras. Assim, torna-se fundamental a avaliação.” (QUADROS, 2004 *apud* QUADROS, LEITE & STUMPF, 2013, p.28).

Os surdos já percebem que aprenderam a língua de sinais brasileira, perceberam que é possível ocorrer a aquisição, a qualquer idade. Desde que respeitada a comunicação a visual dos surdos.

1.3. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DAS LÍNGUA DE SINAIS

1.3.1. Áreas da Linguística

A linguística é uma área do conhecimento científico que trata das línguas naturais e humanas. As línguas naturais podem ser entendidas como arbitrárias e/ou como algo que nasce com o homem. Essas duas correntes estão relacionadas aos pensamentos filosóficos que se originaram com Platão e Aristóteles. (SAUSSURE, 1916 *apud* QUADROS & KARNOPP, 2004, p.15)

As áreas da linguística que estudam os vários aspectos da linguagem humano são: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Além dessas, originam-se as áreas interdisciplinares, tais como a sociolinguística, a psicolinguística, a linguística textual e a análise do discurso. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.17).

Quadros e Karnopp, (2004, p.23) será abordada cada uma das áreas da linguística, considerando os estudos das línguas de sinais tais como a línguas de sinais americana (ASL) e a línguas de sinais brasileira.

O período de maior desenvolvimento linguístico vai mais ou menos até os cinco anos, quando a criança já tem uma capacidade linguística bem próxima à do adulto. (KARNOPP 2011, p.269)

Segundo Quadros e Cruz (2011, p.19), as primeiras produções incluem as formas chamadas congeladas da produção adulta, ou seja, a criança usa uma palavra com um significado mais amplo. Por exemplo, o sinal de PASSEAR é usado sistematicamente para significar “eu quero passear”, “papai saiu”, “eu quero sair”. Os sinais produzidos inicialmente estão diretamente relacionados com a criança.

O período pré-linguístico é se quando bebê nasce e finaliza com o crescer primeiros sinais. Nos bebês surdos foram dois tipos formas de balbucio manual: o silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna. (PETITTO & MARANTETTE, 1991 apud QUADROS & CRUZ).

Por exemplo, os sinais BEBER, COMER, MAMÃE, PAPAI, “OI”, etc. são unidades básicas com as quais bebês surdos e crianças surdas adquirem entre 3 e 4 anos da língua de sinais brasileira. Se bebê surdo filho de pais não surdos necessários que estes aprendam antes a língua de sinais. Por exemplo, os sinais mais simples como “TIO” e “GATO” promovem os estudantes a aprenderem mais.

No caso das crianças surdas adquirindo a língua de sinais, elas já privilegiam a ordenação participante-verbo ou verbo-objeto, por exemplo, elas sinalizam: EU QUERER ou QUERER ÁGUA. Isso indica a importância de a criança estar diante de sinalizantes da língua brasileira de sinais que sejam fluentes, pois, nessa fase, ela já está constituindo a sua língua observando as regras de forma implícita. Esse processo caracteriza a interiorização da língua no falante “nativo”, ou seja, a criança está adquirindo a sua língua (ou línguas) de forma natural e espontânea, interiorizando suas regras sem ter consciência desse processo, segunda (QUADROS & CRUZ, 2011, p.20).

A virada linguística traz uma visão pela qual é a linguagem, o discurso o texto que ganham importância central. Consequências profundas e importantes não apenas para o como analisar, mas para como organizar o currículo. (LOURENÇO, 2017, p.122)

Quadros (2008, p.31) Linguística em que duas línguas estão em relação de complementaridade, isto é, uma língua é usada em determinadas ocasiões em que a outra não é usada.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p, 23) Será abordada cada uma das áreas da linguística, considerando os estudos das línguas de sinais, tais como a língua de sinais americana (ASL) a língua de sinais brasileira.

1.3.2. *Status linguístico da LSB*

Historicamente, entretanto, para marcar a diferença entre esses dois tipos de sistema linguísticos, Stokoe (1960) propôs o termo ‘quimera’ as unidades formacionais dos sinais (configuração de mão locação e movimento) e, ao estudo de suas combinações, propôs o termo ‘quirolgia’ (do grego mão). A diferença fundamental entre línguas de sinais e língua orais, segundo Stokoe e o grupo de pesquisadores que se dedicou à investigação das línguas de sinais durante os anos de 1960 e 1970, diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.48).

A língua de sinais e as línguas orais possuem o mesmo *status* linguístico. Quadros e Karnopp (2004) em pesquisas na área de Linguística, já demonstraram que os parâmetros da língua de sinais brasileira têm a mesma equivalência na fonologia das línguas orais no nosso caso o português. Stokoe (1960) ao pesquisar a ASL² descobriu que esta possui as mesmas características das línguas orais, publicando assim um artigo que despertou pesquisadores do mundo inteiro e dando valor linguístico as línguas de sinais.

“Análises das unidades formacionais dos sinais, posteriores à de Stokoe, sugeriram a adição de informações referentes à orientação da mão (Or) e aos aspectos não-manuais dos sinais (NM)-expressão faciais e corporais” (BATTISON, 1974, 1978 *apud* QUADROS & KARNOPP, 2004, p.49)

De acordo com Quadros e Karnopp, (2004, p.63), Na descrição da língua de sinais brasileira, uma das limitações é também a carência de uma análise fonética e fonológica mais completa do que a atualmente disponível.

Gesser (2009, p.9) Na década de 1960, foi conferido à língua de sinais o status linguístico, e, ainda hoje, mais de quarenta anos passados, continuamos a afirmar e reafirmar essa legitimidade. A sensação é mesmo a de um discurso repetitivo.

2 ASL- Língua de Sinais Americana

Quadros e Karnopp (2004, p.50) serão apresentadas, detalhadamente, as propriedades de cada parâmetro em língua de sinais brasileira, isto é, propriedades de configurações de mão, movimentos, locações, orientação de mão e dos aspectos não-manuais dessa língua.

1.3.3. Linguística da LSB

Os estudos de linguística da Língua de Sinais Brasileira proposto por Ferreira Brito (1994) e Quadros e Karnopp (2004) evidenciaram que a LSB não é composta por mímicas ou gestos soltos, mas que é uma língua de modalidade visual-espacial.

Os aspectos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira:

Fonologia

Fonologia da língua de sinais brasileira é o estudo linguístico das línguas visual-espaciais, composta por cinco parâmetros são eles: configuração de mão (CM), movimento (M), locação (L), orientação da palma da mão (O) e expressão facial e corporal (ENM). A LSB dispõe dos pares mínimos que são sinais parecidos, mas com significados é diferente, dependendo dos parâmetros da língua.

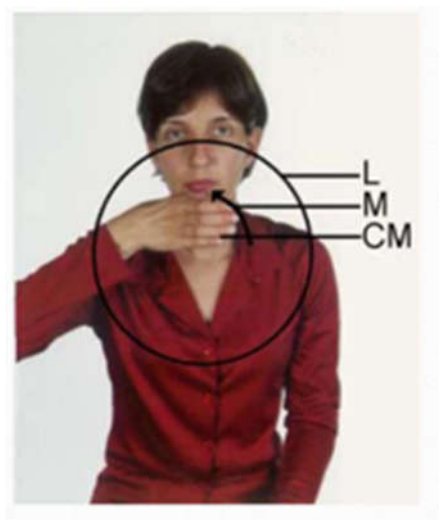


Figura 6: Configuração mão (QUADROS & KARNOPP, 2004)

Morfologia

Morfologia da língua de sinais brasileira é o estudo linguístico das estruturas dos sinais, assim como acontece com a fonologia da LO, em que os morfemas são estudados como unidades mínimas.

A) Composição:

Regra contato: escola (CASA+ESTUDAR), igreja (CASA + CRUZ), acredito (SABER + ESTUDAR), menina pequena, favela

Regra sequência: pais (MAE e PAIS), final semana (SABADO e DOMINGO) e crianças (MENINAS e MENINOS)

Regra não-dominante: ACREDITAR, ROUBAR, ACIDENTE, CINEMA (outra mão não têm o movimento parar, outra mão têm o movimento)

B) Derivação: TELEFONAR, SENTAR, COMER, CADEIRA, PERFUMAR, ROUBAR, LADRÃO, PENTEAR, OUVIR (QUADROS & KARNOOP, 2004, p. 97:98)

C) Incorporação:

Negação: NÃO CONHECER, NÃO GOSTAR, NÃO QUER, NÃO ACEITO

Numeral: UM MÊS (livre), DOIS MESES (preso), UM SEMANA (livre), DUAS SEMANAS (preso).

D) Flexão:

Pessoas (pronome pessoal), verbo, por exemplo: <EU_{1s} DAR VOCÊ_{2s}>

Sintaxe

Sintaxe da língua de sinais brasileira é o estudo de uma área da linguística que analisa a estrutura da ordem básica da frase na língua de sinais brasileira, o princípio o verbo, a frase, Sujeito, Verbo e Objeto na língua de sinais se relaciona com uma estrutura de verbo com concordância e verbo sem concordância. Na língua de sinais brasileira é possível ter três tipos de verbos, são eles: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais na Morfologia da LSB.

Por exemplo, a estrutura na ordem básica da frase na língua brasileira, o seis comum que aparece nas frases são: SVO, OVS, VSO, OSV, SOV, VOS:

< MARIA GOSTAR DANÇA > do SVO, no padrão a gramática

<BISCOITO COMER PAULA > do OVS a agramatical (não é gramatical)

<JOGAR JOÃO BOLA> do VSO a agramatical
<DANÇA MARIA GOSTAR> do OSV a tropicalização
<MARIA DANÇA GOSTAR> do SOV o foco
<GOSTAR DANÇA MARIA> do VOS a gramática

Semântica/ Pragmática

A semântica da língua de sinais brasileira é o estudo linguístico, do significado/significante, é composto por alguns aspectos: Sinônimo, Antonímia, Homonímia, Paronímia e Polissemia na língua de sinais brasileira.

Sinônimo na LSB: CUIDAR/PROTEGER, ENSINO/EDUCAR, NOVO/JOVEM

Antonímia na LSB: BONITA/FEIO, MAL/BOM, ECONOMIZAR/GASTAR, JOVEM/VELHO

A diferença entre a polissemia e homonímia na LSB, o contexto as frases:

SABADO/LARANJA: Sábado, eu vou na feira de frutas, comprar as laranjas

SEXTA/PEIXE: Dia da Páscoa, na sexta-feira, comprar o peixe

HISTÓRIA/LEMBRAR: Não conseguir lembrar desta história

OS CINCO PARÂMETROS:

- Configuração de Mão

Segunda Ferreira-Brito (*apud* QUADROS & KARNOOP, 2004, p.53) as CMs da língua de sinais brasileira foram descritas a partir dos dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança entre, mas ainda uma identificação enquanto CMs básica ou CMs variantes. Dessa forma, o conjunto de CMs a seguir refere-se apenas as manifestações de superfície, isto é, de nível fonético, encontradas na língua de sinais brasileira.

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

Figura 7: As 46 CMs da língua de sinais brasileira, Ferreira-Brito e Langevin, 1995

Segue alguns modelos de configurações de mãos desenvolvidos pelos pesquisadores da 61,64, 75 CMs:



Figura 8: As 61 CMs da língua de sinais brasileira, Nelson Pimenta³

³ Disponível em <http://tertuliasdelibras.blogspot.com/2015/11/configuracoes-de-maos.html>



Figura 9: As 64CMs da língua de sinais brasileira, Felipe, 2001⁴

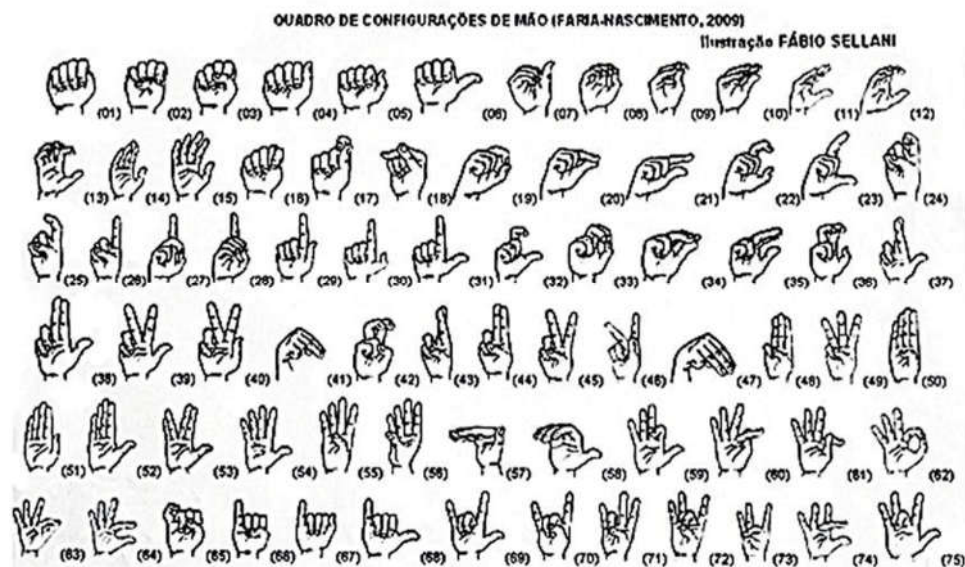


Figura 10: As 75 configurações de mão da língua de sinais brasileira (NASCIMENTO, 2009/2010)

4 Disponível em <http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/bonfim/files/2015/03/TEXT0-BASE-LIBRAS-pagina-cursos-superiores.pdf>

A configuração de mão não é a datilologia e sim um alfabeto manual, com ela possibilita a criação de vários sinais de língua de sinais brasileira, por exemplo a configuração de mão “S” é usada para se configurar os sinais APRENDER, LARANJA E AMOR.

- Movimentos

O movimento é definido como parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos e os movimento direcionais no espaço (KLIMA & BELLUGI, 1979 apud QUARDOS & KARNOPP, 2004, p.54)

- Os sinais: Feliz, aprender e conhece possui movimento.

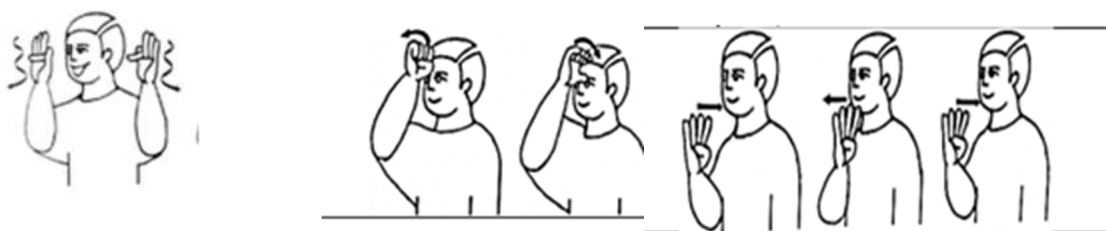


Figura 11: Capovilla, Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue, 2013

Também outros os movimentos vários sinais: Advérbio modo, Adjetivo, etc...

- Os sinais: joelho, em pé e sentar são configurados sem movimento.



Figura 12: Libras em Contexto, 2007

Locação ou Ponto de Articulação

Segunda Quadros e Karnopp (2004, p.57), Na língua de sinais brasileira, assim como em outras línguas de sinais até o momento investigadas, o espaço de

enunciação e uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados.

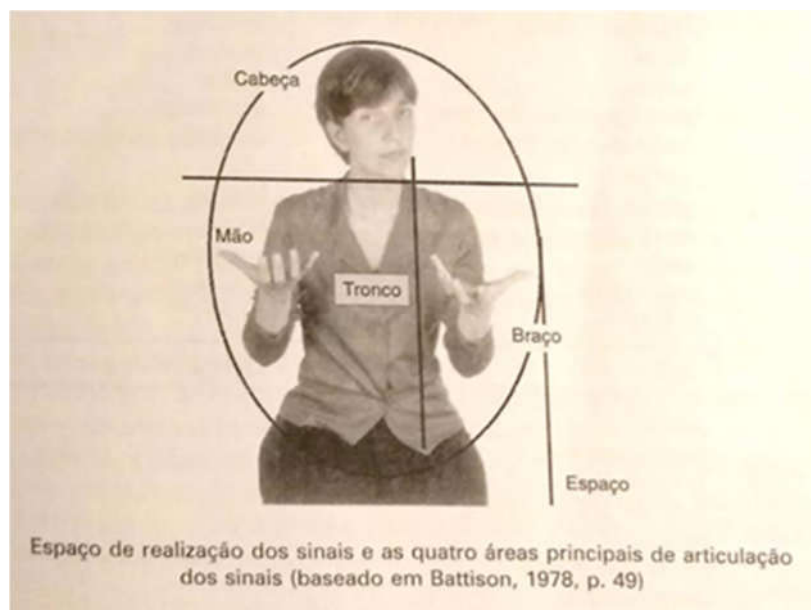


Figura 13: Locação ou Ponto de Articulação_Quadros e Karnopp, 2004

São exemplos de Locação: cabeça, tronco, mão, neutro-espço.

✓ CABEÇA

Rosto, Testa, Orelha, Olhos, Nariz, Boca, Bochechas e Queixo

✓ TRONCO

Ombro, Pescoço, Busto, Cintura, Braços e Pulsos

✓ MÃO

Dedos, Palma, Costa das mãos

✓ ESPAÇO-NEUTRO

Locação sem contato o corpo

Orientação de Mão

A orientação da mão pode ser: para cima, para baixo, para dentro, para fora e para o lado, exemplo:



Figura 14 : Quadros e Karnopp, 2004, p.59

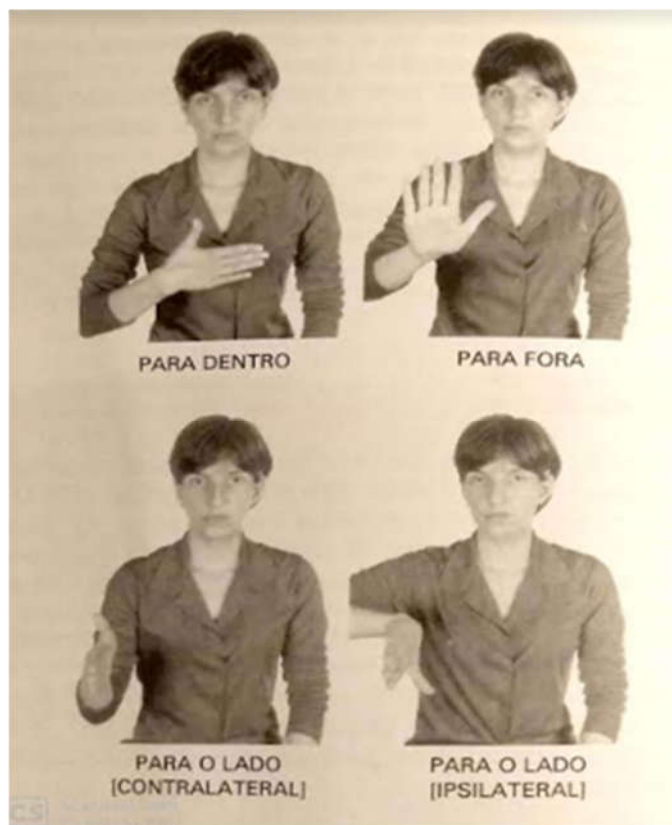


Figura 15: Quadros e Karnopp, 2004, p.60

Expressão Facial e Corporal

A expressão facial e corporal é a linguagem com a língua de sinais brasileiro, possui aspectos fonológicos na língua de sinais brasileira, exemplos:

Observe as expressões faciais abaixo e dê significados para elas:

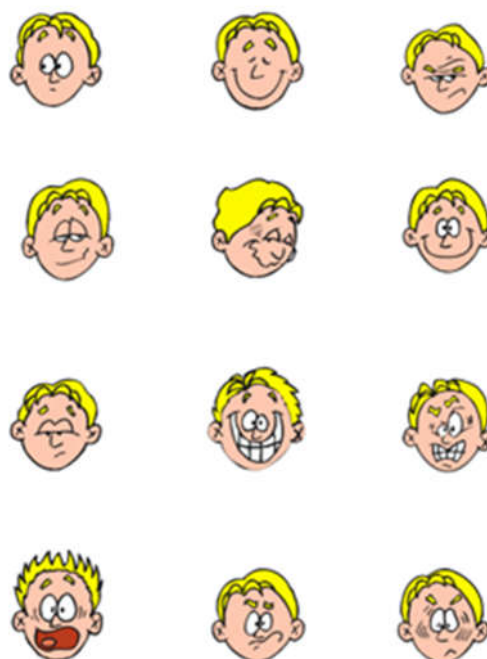


Figura 16: Expressão Facial (EF) IFSC Palhaço Bilingue -SC⁵

As Expressões Não-Manuais (ENM) possuem aspectos gramaticais da Língua, tais como: afirmativa, exclamação, negação e interrogação:

INTERROGATIVAS



⁵ Disponível em http://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-libras-basico/Apostila_Libras_Basico_IFSC-Palhoca-Bilingue.pdf.

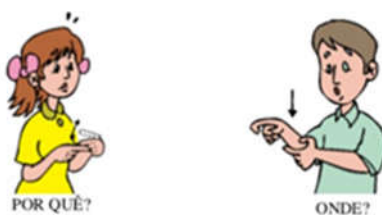


Figura 17: INTERROGATIVAS, IFSC Palhoça Bilingues - SC, 2007/200

AFIRMAÇÃO/NEGAÇÃO



Figura 18: AFIRMATIVAS/NEGAÇÃO, IFSC Palhoça Bilingues - SC, 2007/2008

EXCLAMATIVAS



Figura 19: EXCLAMATIVAS, IFSC palhoça bilingues - SC, 2007/2008

As expressões faciais são importantes para comunicação entre filhos surdos e seus pais não surdos, porque facilita a compreensão e o entendimento da língua.

As expressões faciais que expressam emoção e sentimentos podem ser “adverbio modo”, seguir exemplo:



Figura 20: Advérbio Modo, Libras em Contexto, 2007

Poder ser, o advérbio modo:



Figura 21: Advérbio Modo, Libras em Contexto, 2007

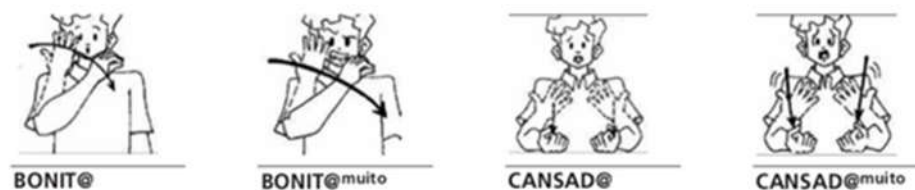


Figura 22: Libras em Contexto, 2007

1.4. LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA- LSB/LIBRAS

Em relação à sigla Libras - Língua de Sinais Brasileira, adotamos LSB (Língua de Sinais Brasileira), porque é no mundo que a língua de sinais se espalha. A Libras tem a lei nº 10.436/2002, que a reconhece como meio de comunicação da comunidade surda brasileira e o Decreto 5626/2005 que reconhece direito os surdos em ter a Libras como L1 e a língua português como segunda língua (L2) o curso básicos e avançados.

A língua de sinais brasileira não é a mímica e gestos, é uma língua oficial, que tem a expressão facial e corporal dentro de uma linguagem visual-gestual, possuindo uma gramática própria.

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, p.1, 2002)

A língua de sinais brasileira é uma língua, vários elementos dentro dos níveis de análise propostos na linguística. São estudos com diferentes línguas de sinais e, em especial, com a língua de sinais brasileira. Uma reflexão mais geral, mencionado princípios universais da linguística e algumas concepções inadequadas, expressas em alguns mitos relacionados as línguas de sinais. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.213).

É interessante mencionar que os bebês surdos de pais não surdos, não expostos à língua de sinais desde o nascimento, começam a desenvolver gestos manuais para expressar seus pensamentos, desejos e necessidades. (KARNOPP, 2011, p.286)

Perlin e Strobel (2006, p.32) esclarece que o Projeto de Lei do Senado nº 180, DE 2004 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, fazendo o enquadramento no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da oferta da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Art. 26-B - Será garantida às pessoas surdas, em todas as etapas e modalidades da educação básica, nas redes públicas e privadas de ensino, a oferta da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, na condição de língua nativa das pessoas surdas (PERLIN & STROBEL, 2006, p.33)

Perlin e Strobel (2006, p.40) Felizmente o MEC, frequentemente por meio de sua valorosa Secretaria de Educação Especial, tem feito esforços crescentes para valorizar a Libras e para garantir o seu ensino ao professorado, em observância estrita à lei federal 10.172 que determina o ensino de Libras aos surdos e familiares, e à lei federal 10.436 que determina que os sistemas educacionais federal, estaduais e municipais incluam o ensino da Libras como parte dos parâmetros curriculares

nacionais nos cursos de formação de educação especial, fonoaudiologia e magistério nos níveis médio e superior.

A aprendizagem de LIBRAS possibilita às crianças surdas maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos, desejos e necessidades, desde a mais tenra idade (MEC/SEESP, 1997, p.31 *apud* MENDONÇA, CARVALHO, DOMINGUES & FARIA, 2018, p.5).

A LIBRAS poderá ser inserida dentro do sistema escolar. Para isso, devem-se considerar alguns aspectos, Quadros (2008, p.117):

- O bebê surdo que chega à escola requer o máximo de tempo de exposição à LIBRAS, considerando-se o período crítico de aquisição de linguagem;
- Os pais precisam ter a oportunidade de aprender a LIBRAS;
- Os alunos precisam suprir suas defasagens linguísticas;
- A escola precisa prever um momento dentro do currículo para que se discuta sobre a LIBRAS e a comunidade surda (história, experiências, aspectos gramaticais da língua);
- Os profissionais da escola (funcionários, professores, técnicos) precisam ter a oportunidade de aprender a LIBRAS.

1.5. BILINGUISMO

1.5.1 Bilinguismo para surdo

Os Surdos que têm a Língua de Sinais Brasileira e o Português como segunda língua são considerados bilíngues. Eles adquirem a LSB como a sua primeira língua-L1, ou seja, a língua materna e o Português como segunda língua-L2 ambas possuem um sistema linguístico diferente. O bilinguismo transita entre estas duas línguas sendo que a LSB é a língua na qual os Surdos se identificam mais e possuem uma fluência e por meio dela se expressam. A língua portuguesa escrita ou oral os sujeitos compreendem pouco ou quase nada e quando tem um bom português são considerados bilíngues, é preciso levar em consideração que eles têm o

português como uma segunda língua, a escrita em textos e frases precisam ser vistos como PSL. No Brasil Bilinguismo é aceito desde a década 1980.

Segundo Quadros (2008, p. 27) O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar, Uma proposta bilíngue deve considerar essa situação, pois a maioria das crianças surdas que chegam às escolas é filha de pais não surdos, segunda “(QUADROS, 2008, p. 30)

Os surdos possuem como primeira língua a de sinais e como segunda língua o português escrito, isto posto, entendemos que a L2 possibilita a escrita e também a leitura. Já para os não surdos a língua de sinais é a sua L2, enquanto que o português se torna a sua primeira língua. Entender essas relações irá contribuir para os pais não surdos que tenham filhos surdos no momento de aquisição de língua por parte destes.

Isto pode funcionar tanto para o bilinguismo como (num determinismo para assegurar que outras crianças surdas não sofram a opressão) ou funcionar contra o bilinguismo (se a pessoa surda sente que todas as crianças podem ter sucesso como elas tiveram). (KYLE apud SKLIAR, 1999, p.21)

Perlin e Strobel (2006, p.29) Paralelamente a esta legislação surge um contraste marcante onde alguns conflitos se situam em diferentes contextos teóricos como a educação especial que acompanha a teoria moderna; o bilinguismo fruto da teoria crítica e o uso de língua de sinais e cultura surda fruto da teoria cultural em educação de surdos. Não obstante as diferentes concepções que levam a avanços ou recuos, os surdos brasileiros estamos bem protegidos por leis que servem de fundamentos a educação.

Quadros (2008, p.81) explica que ao considerarmos as crianças surdas filhas de pais não surdos que já estejam no mesmo nível linguístico que outras crianças em idade similar, provoca uma nova reflexão: qual o papel da língua de sinais enquanto primeira língua dentro de uma escola bilingue?

De acordo com Kyle (apud SKLIAR, 1999, p.23) Nos programa bilingue propostos para os surdos, acesso deveria ser uma língua de sinais, em modelos mais realísticos do bilinguismo, a língua deveria certamente ser experimentada e adquirida bem antes de entrar na escola.

O bilinguismo acontece desde o nascimento porque os surdos adquirem a língua de sinais que é visual-espacial e a língua escrita ou oral. Com o crescimento a criança vai aprendendo as duas línguas ao mesmo tempo. De acordo com os pressupostos teóricos entendemos que o uso da língua oral não é uma obrigação, mas o surdo tem direito de escolher quais das línguas quer usar nos momentos comunicativos.

De acordo com Skliar (1999, p. 26), as crianças surdas deveriam ser bilingues - é vital para seu bem-estar e seu progresso no mundo. Podemos criar a base para isso de maneira mais efetiva e apropriado através da atenção as necessidades da família e desenvolvimentos no período da pré-escola.

1.5.2. Língua de Sinais Brasileira como primeira língua

A LSB para os surdos é a sua primeira língua, que foi oficializada como língua da comunidade de surda brasileira, podendo ser adquirida como a primeira língua pelos surdos. A maioria dos surdos usam a comunicação visual, ou seja, a língua sinais que acreditam que seja mais fácil de se entenderem. As crianças surdas adquirem a língua de sinais como língua materna e a usam em seus processos comunicativos, em que se desenvolvem social e emocionalmente.

Skliar (1999, p. 119) Aplicando as definições bem conhecidas da língua materna dadas por Skutnabb-Kangas (1981) às crianças surdas, descobrimos que a língua de sinais é a língua que elas adquirir espontaneamente sem ensino, conhecem na melhor, usam mais e com qual são identificados pelos outros e por si mesmos. (LEWIS, 1994)

Art.1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- Libras e outros recursos de expressão a ela associados. *Parágrafo* único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais- Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Quando há uma valorização desta primeira língua, o surdo tem conhecimento dos direitos de se comunicar desenvolvendo-se socialmente. Entretanto, percebemos que a família que já conhecem a língua de sinais e estimulam esta comunicação visual dentro de casa, em diálogos com os filhos surdos estes a adquirem como sua primeira língua

1.5.3. Português como segunda língua

A língua portuguesa como segunda língua para surdos é o bilinguismo, eles aprendem a ler e a escrever, seria uma comunicação social com os familiares que não sabem a LSB. Mas os surdos não sabem perfeitamente o português, por causa dos processos de escolarização que ainda têm muitas falhas. O Decreto 5.626/2005 diz que é obrigatório o português na modalidade escrito como segunda língua para os surdos. Os não surdos têm o português como primeira língua e a segunda língua é a de sinais brasileira.

De acordo com Paiva, (2014, p.19) Sua definição de aprendizagem de segunda língua se concentra na habilidade de uso oral da língua, entendida como estrutura. *“aprender uma segunda língua é definido como a aquisição da habilidade de usar sua estrutura com um vocabulário gral sob, essencialmente, condições de comunicação normal entre falantes nativos na velocidade conversacional.*

Paiva (2014, p.74) Tendo a teoria chomskiana⁶ como suporte, o modelo da GU⁷ parte da premissa de que o ser humano é biologicamente dotado de um dispositivo de aquisição de linguagem (DAL).

Paiva (2014, p.8) principalmente o papel da GU, e em apresentar as várias hipóteses para ASL⁸ ou se concentram na aquisição de determinado aspecto sintático, morfológico ou sintático, percebido na interlíngua dos informantes.

6 Chomskiana esta teoria foi desenvolvida por Noam Chomsky pesquisador da área da linguística. A teoria chomskiana é importante para pesquisas do desenvolvimento e aquisição de linguagem.

7 GU- Gramática Universal estudada na área da linguística e gramática generativa

8 ASL é aquisição de segunda língua

A aquisição do português como segunda língua (L2), alguns surdos sabem escrever perfeitamente, outros não sabem escrever a língua portuguesa, acreditamos que 50% tem dificuldades com o português ou língua orais, mas entendemos que é necessário estudar o português. Acordo com Jokien (apud SKLIAR, 1999, p.123): Antes que a criança possa desenvolver habilidades de escrita com sucesso, ela deveria ter um estímulo linguístico rico na forma de estímulos compreensíveis como descrito anteriormente.

Paiva, (2014, p.83) O estado atual da teoria chomskiana faz distinção entre categorias léxicas (classes abertas, como substantivo e verbo) e funcionais (classe fechada, como flexão, concordância etc.). Isso significa que a variação se dá no nível do léxico, com regras morfológicas e suas especificações selecionadas nas operações sintáticas.

1.6. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PARA SURDOS

1.6.1. Educação para Surdos

Em 26 de setembro de 1857, D. Pedro I, fundou o Instituto Imperial do Surdos-Mudos (atualmente o Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES) Pesquisas relatam que o neto de D. Pedro II era surdo, o imperador convidou o professor Francês Ernest Huet que era surdo e ex-aluno de Instituto do Paris para ensinar a língua de sinais francesa para os surdos brasileiros. O primeiro alfabeto manual brasileiro era o alfabeto da língua de sinais francesa, começava assim o desenvolvimento da Língua de Sinais Brasileira.

Aconteceu em 1880, na cidade de Milão, na Itália. Um Congresso que ficou conhecido como congresso de Milão que tinha como objetivo discutir a educação dos surdos em duas propostas línguas orais por método francês e língua gestual proposto pelo método alemão. A maioria dos surdos na época usavam a língua gestual, mas os não surdos apoiavam o método Oralista e votaram neste método porque acreditavam que este era o melhor para os surdos, embasaram as suas proposições em opiniões médicos, professores, entre outros profissionais que desconheciam a especificidade

dos surdos o método Oralista, ficando proibida a língua de sinais no mundo por mais de 100 anos. Somente na década de 80 os surdos tiveram a liberdade de usar a língua de língua de sinais, por causa das pesquisas que aconteceram nos Estados Unidos Stokoe (1960), percebemos que mesmo após estas descobertas os surdos ainda eram obrigados a seguir a língua orais.

O francês Charles Michel de L'épée foi segundo a história o primeiro a criar o alfabeto manual da língua de sinais francesa, ele é considerado o pai de educação dos surdos. L'épée contribuiu para o desenvolvimento da língua de sinais francesa que foi influencia para o Brasil para o desenvolvimento da língua de sinais brasileira.

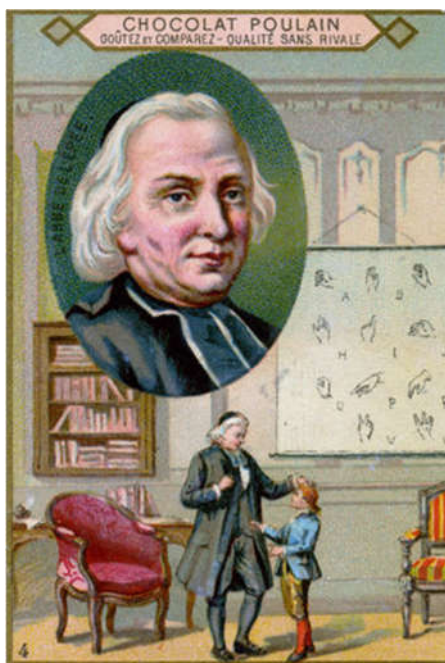


Figura 23: francês Charles Michel de L'épée Londres, Inglaterra: Bridgememan, Art Library, 1900

Segunda Quadros e Stumpf (2018, p.20), O fato desta abordagem permitir o uso da língua de sinais no espaço educacional provoca o retorno da presença de surdos nas escolas. Aos poucos, algumas escolas ainda descontentes com os resultados da educação proposta começam a estudar outras possibilidades de educação. A educação bilingue começa a se estabelecer a partir da metade da década de 90.

Perlin e Strobel (2006, p.27) mencionam a importância da educação de surdos, sentida antes de 1961; um ano depois que Stokoe com sua pesquisa defendeu a

língua de sinais com status de língua. Neste ano, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já estava legislando a respeito com dois artigos (88 e 89) referentes à educação dos excepcionais, garantindo, desta forma, o direito à educação. Esta lei, no artigo 89, registra que o governo vai se comprometer em ajudar as ONGS - organizações não-governamentais a prestarem serviços educacionais aos deficientes e entre eles os surdos.

Agora os surdos passam a ter direito a escolas bilíngues. Eles lutaram desde os anos 2000 para estas conquistas que culminou em 2006 com a criação do curso em Letras-Libras pela universidade Federal de Santa Catarina com polos espalhados no Brasil inteiro e também com cursos de pós-graduação na área de educação dos surdos. Antes de 1980 a professora Linguística, Lucinha Ferreira Brito, desenvolveu pesquisas sobre a língua de sinais brasileira. A partir dos cursos de formação de professores em Letras-Libras e na área de educação para surdos começaram a ser implementados com esses novos profissionais.

A cultura aí está como que para garantir nosso lugar como diferença e fundamentar nossa educação. Ela emerge como constituidora dos fundamentos da educação no que têm de interferência as contradições de outras culturas na educação dos surdos. Perlin e Strobel (2006, p.28).

1.6.2. Educação Bilíngue de e para surdos

A educação bilíngue para surdos foi conquistada a partir de lutas pelos os próprios surdos. Eles tinham direito a uma educação diferenciada, por isso foi necessário professor bilíngue dentro das escolas, espaços também propícios para a aquisição da língua de sinais e desenvolvimento das relações sociais surdos. A metodologia para o ensino das duas línguas era baseada no bilinguismo para surdos e com a inserção de diversos temas, tais como: pesquisa em Língua de Sinais Brasileira, português escrito, a educação bilíngue, a cultura surda, escrita sinais e legenda para Tv.

De acordo com Skliar (1999, p. 8) As relações entre a pedagogia atual e a educação bilíngue para surdos, o sentido do “bilíngue” e, finalmente, os diferentes projetos políticos - multiculturais - que sustentam e subjazem à educação bilíngue para surdos.

O direito da educação por surdos, professores bilíngues, professores surdos, interprete de língua de sinais brasileira, educação diversidade e família. A escola inclusiva é difícil para os surdos, porque ficam na dependência dos intérpretes de língua de sinais. As metodologias de ensino são específicas para não surdos, ou seja, toda centrada na L1, no português oral. Queremos salientar que a educação inclusiva não é a educação bilíngue, e entendemos que não é a melhor escola para os surdos e sim a escola bilíngue.

A separação entre educação especial e educação de surdos é imprescindível para que a educação bilíngue desenvolva uma certa profundidade política. Nesta direção, a educação bilíngue não pode ser conceitualizada como um novo paradigma na educação especial, mas como um “paradigma o posicional. (SKLIAR, 1999, p.12)

A educação bilíngue para surdos, como um pratica de direitos humanos concernentes aos surdos; a coerência ideológica para discutir as assimetrias do poder e do saber entre surdos e não surdos; a análise da natureza epistemológica das representações colonialistas sobre a surdez e os surdos. (SKLIAR, 1999, p.9)

Naquele momento, os surdos reuniram-se para discutir questões pertinentes aos seus direitos linguísticos e á educação de surdos. Desta discussão, resultou um Documento elaborado pelos surdos: A educação que nos surdos queremos, que foi entregue á assessora técnica Do Ministério da Educação (MEC) pelo presidente da FENEIS. (QUARDOS & STUMPF, 2018, p.20)

Quadros e Stumpf (2018, p.20) O documento reivindicava implementar o curso de professor de libras e o curso de interprete em nível superior e a ampliação da discussão sobre Educação Bilíngue de Surdos.

Afinal, bilíngue não é somente aquele que domina duas línguas orais de prestígio, como o inglês e o português, por exemplo. Os surdos vivem um situação sociolinguisticamente complexa e sua condição de indivíduos bilíngues lhes era negada por serem tratados como “deficientes”, expressando-se “ em língua que não é reconhecida como língua (a língua de sinais) e em um português (escrita e oral) que não atinge as expectativas impostas e desejadas por uma maioria ouvinte” (GESSER, 2006 *apud* GESSER, 2009, p.60)

Os documentos elaborados sempre incluíram a proposição da implementação da Educação Bilíngue junto às secretarias de educação dos estados. (QUADROS & STUMPF, 2018, p. 21)

De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 23-24), O mais importante é o estabelecimento da educação bilíngue, reconhecendo a Libras como língua de instrução e de ensino e a Língua Português escrita, como segunda língua que deve ser ensinada aos surdos nas escolas. O decreto 5.626/2005 é uma regulamentação da Lei de Libras, uma espécie de planejamento linguístico para a implementação da Lei de Libras. As ações indicadas pelo decreto são as seguintes: I- escolas e classes de educação bilíngue, abertos a alunos surdos e não surdos, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino.

1.7. CURRÍCULO NO ENSINO DE LIBRAS

1.7.1. Ensino de LSB como primeira língua

A língua de sinais brasileira para os surdos é a primeira língua destes sujeitos. As crianças surdas já adquiram a língua de sinais, por isso a comunicação é visual ou visual-espaciais pelos surdos, comunidade surdas têm direito a primeira língua, o ensino de língua de sinais brasileira é muito importante para o desenvolvimento social, cognitivo, emotivo dentro na escola.

Os professores surdos da escola e os alunos surdos no ensino fundamental e no ensino médio, a relação dos professores surdos/alunos surdos usuários em Língua de Sinais Brasileira na sala a aula, também nas atividades e vídeos em LSB. São essências para que as crianças possam aprender e se desenvolver na Língua de Sinais Brasileira.

Ensino de LIBRAS é desenvolver a competência comunicativa dos alunos surdos na Educação Básica. Para que este objetivo seja alcançado é preciso estipular quais procedimentos de ensino são mais adequados e eficazes, bem como os recursos que escolheremos para nos auxiliarmos neste trabalho (BASSO; STROBEL e MASUTTI, 2009, p.23).

O ensino da primeira língua baseia no fato de que o estudante já conhece sua própria língua, até certo ponto, que essa língua é uma parte intrínseca da personalidade do estudante. O estudante adquirir sua língua de sinais naturalmente.

No aprendizado/ensino da primeira língua é importante que os estudantes aprendam a usar sua língua para expressar seus pensamentos e sentimentos em milhares de formas diferentes, em diferentes contextos (JOKINEN *apud* SKLIAR, 1999, p.105)

Os professores são responsáveis pelo planejamento semanal da componente curricular da língua de sinais brasileira como disciplina obrigatória na escola. São eles que organizam os vocabulários em LSB, criam as atividades e materiais didáticos para os alunos surdos, o plano aula e o plano ensino, tendo em vista que estes professores surdos possuem um melhor conhecimento da LSB.

Tabela 1 – O conteúdo de LSB

Fundamental e Médio	Didática Material e atividades em LSB	Verbos em LSB	Literatura em LSB
6º e 7º ano	Atividades e vocabulários básicos: saudações, as profissões, etc. Atividade de desenho de sentimentos para expressão facial/ escrita sinais	Sinais de verbos	história adaptada em LSB o livro (três porquinhos, chapéu vermelho etc.)
8 e 9º ano	Material didático, atividades e jogos de escrita sinais (jogo memória, palavra cruzada, dominó)	Tempos verbais da LSB (ontem, hoje amanhã,)	Narrativa, crônica, romance, tirinha para surdos etc. E os livros com escrita sinais
1º e 2º ano	Atividade de Configurações de mãos/expressão idiomática	Flexão verbal/ Derivação verbal/ ordem básica das frases em LSB	Arte em LSB/ linguagem e criatividade em LSB e teatro (história, cultura surda) / criatividade da escrita sinais
3º ano	Atividade com cinco parâmetros/ expressão idiomática.	Estrutura dos verbos/ sintaxe em LSB/ verbo sem concordância e verbos com concordância	As poesias “Cora Coralina, Carlos Drummond, mais autores de poesias, mais vocabulário em LSB por meio de vídeo/ expressão facial e corporal/ Literaturas de todos tipos. Fazer criatividade dos quadrinhos em LSB.

Esse é o conteúdo da disciplina de Língua de Sinais Brasileira para surdos muito importante, por ser a primeira língua destes estudantes, usando o método em LSB, o docente surdo e não surdos se for fluente em LSB, também poderá ensinar sobre os temas de relacionado com a história dos surdos, tais como: “História de primeira escola no INES”, “ 26 de setembro dia de nacional surdos e dia 30 de setembro dia de mundial surdos”, “artigo da língua de sinais francesa do professor Ernest Huet”, “Lei de LIBRAS”, que é fundamental para o conhecimento dos surdos. Os docentes são responsáveis pelo planejamento semanal das aulas.

(ALBRES & SARUTA, 2012, p.25) para os autores (2004), “um currículo para o ensino de expressão deverá fornecer aos professores, para cada um dos níveis de ensino, informações concretas sobre os objetivos visados pelo ensino, sobre as práticas de linguagem que devem ser abordadas, sobre os saberes e habilidades implicados em sua apropriação. ”

No campo do ensino-aprendizagem vivenciamos a falta de pesquisas sobre a prática pedagógica que assuma essa perspectiva e o gênero como objeto de produção, estudo e análise na escola. Há quase que total ausência de materiais didáticos para o ensino de Libras como língua materna, o que dificulta o olhar para essa língua vislumbrando seu ensino para os seus falantes nativos, os surdos. No entanto, podemos citar poucos projetos, ainda em andamento, como o da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que contemplam diferentes gênero do discurso, mas ainda com apontamentos iniciais e hipóteses sobre como eles se estruturam e são realizados. (ALBRES & SARUTA, 2012, p. 26-27).

Uma natureza de utilidade e eficiência, a área de currículo avançou para um pensamento crítico, desvendando-o nessas intencionalidades e compreendendo-o em suas possibilidades de busca pela igualdade social, política e humana e de luta pela direita à educação e à diversidade cultural (CHIZZOTI; PONCE, 2012 *apud* LOURENÇO, 2017, p.113).

O currículo, como prática social educativa e pedagógica, é expressão de natureza sócio-política, reconhecido por duas tradições (presentes simultaneamente no sistema de ensino brasileiro): a humanista de formar cidadãos para o convívio coletivo e a coesão social: e a voltada para formação de indivíduos ajustados as

competições globalizadas do conhecimento e concorrência entre e internacionais das instituições educativas (CHIZZOTI; PONCE, 2012, *apud* LOURENÇO, 2017, p.123).

“Pode ser ensinado, aprendido, o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender os quais, por vez regularão a prática didática que se desenvolve durante escolaridade (SACRISTAN, 2000 p.17 *apud* LOURENÇO, 2017, p.114).”

As lutas pelas aquisições da Libras como primeira língua do povo Surdo etc. E denuncia que “[...] as formas dos currículos, ensino e avaliação nas escolas são sempre os resultados de acordos ou compromissos nos quais os grupos dominantes, para manter o seu domínio, necessitam levar em conta preocupações dos menos poderosos (APPLE, 1997 *apud*. LUNARDI, 2005, p.161, *apud* LOURENÇO, 2017, p.150)

Quadros (2008, p.32) o currículo escolar de uma escola bilíngue, sugere-se que esse deve incluir os conteúdos desenvolvidos nas escolas comuns. A escola deve ser especial para surdos, mas deve ser, ao mesmo tempo, uma escola regular de ensino. Os conteúdos devem ser trabalhados na língua nativa das crianças, ou seja, na LIBRAS. A língua portuguesa deverá ser ensinada em momentos específicos das aulas e os alunos deverão saber que estão trabalhando com o objetivo de desenvolver tal língua.

Como fazer o ensino de LIBRAS ser efetivado no processo pedagógico? A resposta para essa pergunta seria simples: tornar a LIBRAS componente obrigatório do currículo escolar. Os surdos necessitam de novos olhares, da associação escola/família/ sociedade. (SALLES, 2004, p.37 *apud* MENDONÇA, CARVALHO, DOMINGUES e FARIA, 2018, p.7-8).

1.7.2. Ensino de Português como segunda língua

O ensino de português para surdos é lecionado como segunda, língua se faz necessário que os surdos brasileiros aprendem a língua oficial do país onde moram. Neste ensino as crianças surdas aprendem primeiro as letras do alfabeto, então chegamos ao entendimento de que estas letras precisam ter alguma significância para os estudantes surdos, por isso é necessária uma metodologia de L2.

Aquisição de segunda língua (ASL) é aprendizagem de outra língua, depois que se aprendeu a língua nativa (GASS & SELINKER, 1994: 4 apud PAIVA, 2014, p.177)

De acordo com Paiva (2014, p.30) a hipótese de aquisição-aprendizagem prevê que há duas formas de desenvolver a segunda língua. A primeira é inconsciente, por ele denominada de aquisição, assemelhada ao processo de crianças aprendendo a língua materna. A segunda, denominada de aprendizagem, é consciente e significa o saber sobre a língua.

Com o aperfeiçoamento dos métodos de ensino da língua portuguesa para o verdadeiro aprendizado dos surdos. A maneira de ensinar o conteúdo precisa ser diferenciada, quando o professor perceber que o aluno surdo produziu um texto sem o uso das preposições, este profissional precisa ter a expertise de corrigi-lo, levando sempre em consideração que os surdos têm português como segunda língua, em que aprenderão a ler e a escrever, cabe aos professores de português escolher o melhor método.

Tabela 2 – O conteúdo de português escrito:

Fundamental e Médio	Tipos textuais	Redação em português	Vocabulários em português básico
6º e 7º ano	Narrativa/ fábula/história/ poesia/ quadrada “turma da Mônica”/ dentre outros.	Texto pequeno fabula, narrativo e poesia/ interpretação de texto/ reescrita do texto /produção textual	Alimentos Ortografia da língua portuguesa Família Frutas Boas maneiras
8 e 9º ano	Crônica/ descrição/ poesia/ livros literários / receitas e cardápios Estrutura da língua de sinais brasileira em	Interpretar do texto: fabula, narrativa	Coisas dentro de casa. Profissão Cozinha

	consonância/contraste com a Língua português		Vestuário e acessórios Sala a aula
1º e 2º ano	Poesia/descrição/tirinha e quadrinhos	Produção textual e tirinhas.	O corpo humano Bom comportamento e mal comportamento
3º ano	Organização de Gênero textual/ organização de tipo de textual Poesia: Cora Carolina, Carlos Drummond, etc. Argumentação: os tipos de notícias de jornais.	Produção Textual - Redação	Sentimentos e contra drogas: Ponto positivo e ponto negativo

Esses são os conteúdos, que podem conter no plano ensino e no plano de aula para os alunos surdos, os vocabulários serão somente para a organização do plano a aula.

Acordo com Quadros e Stumpf (2018, p.29) A prova de língua português como segunda língua é elaborada por professores de língua português que conhecem profundamente as estruturas do português escrita por surdos.

A produção textual dos surdos se dá em uma segunda língua - L2 e que as vezes é necessário que se comparem com a primeira língua - L1, a língua de sinais brasileira.

De acordo com Gesser (2009, p.59) o ensino da escrita para os surdos, entretanto tem que ser, indiscutivelmente, promovido na língua primeira de sinais. Atualmente há um consenso ente especialistas sobre o fracasso escolar em relação

á aquisição de conhecimento e ao desenvolvimento da linguagem (escrita) quando a língua de sinais não é utilizada como língua de instrução.

É importante a comunicação escrita entre filhos surdos e pais não surdos e também com outros não surdos. Depende dos surdos o interesse em aprender e estudar o português, tendo em vista que eles têm a língua de sinais brasileira como primeira língua, e aprendem a modalidade escrita do português, mas alguns os surdos têm dificuldades em entender a língua portuguesa e os significados das palavras.

Os professores precisam escolher o melhor método de ensino do português como segunda língua, afim de que os surdos aprendam a língua e se desenvolva socialmente. Por exemplo, eles podem aprender também como segunda língua, outras línguas como: Inglês e Espanhol. Estimulando assim o conhecimento linguísticos desses sujeitos.

Os professores de língua portuguesa como segunda língua são formados em Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira e Português como segunda língua e Português-LSB/PSL, o é mais importante para a formação em LSB/PSL no que diz respeito a educação dos surdos, o Curso de Letras-Português propicia uma formação geral na língua.

No Brasil, o professor de português faz Letras Português, o professor de inglês faz Letras Inglês, o professor de espanhol faz Letras Espanhol. (QUADROS & STUMPF, 2018, p.24), também mais o professor de LSB/Libras é a primeira língua fez Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira e Português como segunda língua-LSB/PSL e o professor de Português como segunda língua é a segunda língua fez LSB/PSL e Letras Libras, não estuda

em português, estuda Letras Libras, o ensino em Libras. De acordo com Donato (1994 *apud* PAIVA, 2014 p. 133) onde ele demonstra 'como os alunos constroem a experiência de aprendizagem de línguas no contexto de sala aula.

Segunda o Decreto 5.626/2005, art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005)

CAPÍTULO 2

“Salvo alguns casos, quando tem diálogos e bom vínculo entre eles, isso ocorre porque um ou outro membro ouvinte da família do filho surdo resolveu se informar e aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda em um relação de diálogo, no qual existe uma efetiva troca de saberes e a aceitação da identidade surda.”

(STROBEL, 2018, p.62)

Este capítulo da pesquisa trata das narrativas em relação aos filhos surdos de pais não surdos. São narrativas de surdos jovens e adultos filhos de pais não surdos, que mostra as dificuldades deste relacionamento e alguns aspectos como: importância do aprendizado de LSB por parte da família, o papel da escola na relação entre os pais não surdos e a criança surda e relação pai e filho surdo revelada em filmes.

1.1. NARRATIVAS DE SURDOS FILHOS DE PAIS NÃO SURDOS

Há uma série de narrativas surdas com histórias que retratam as relações entre pais não surdos, no que diz respeito a comunicação familiar. Quando esses pais não surdos não sabem e não conhecem a língua de sinais brasileira, estas narrativas mostram como é a vida social dos surdos em família de pessoas não surdas:



Figura 24: CHAVES

Chaves, 40, sim difícil entender, mais fazia leitura labial. A comunicação em casa era pouco somente com minha mãe e irmã, meu pai não entendia a minha língua, quase não falava comigo. Meus pais não sabem nada da Libras, mas naquela época não tinha a Lei ainda, usávamos a leitura labial, elas falavam devagar e assim

tentávamos nos comunicar. Meus pais agora entendem que os surdos têm língua própria a LSB, embora eles sempre me ajudaram com a língua português, explicando-me os significados das palavras e sempre que

podia faziam as correções das minhas frases, aprendia muito com esses momentos de correções gramaticais. Minha progenitora usa o aplicativo *WhatsApp* para me manda mensagens de textos e assim ela me incentiva a adquirir vocabulário da língua portuguesa, respeitando o meu direito em me expressar L2 e L1.



Figura 25: KIKO

Kiko, 30, meus pais nunca se comunicaram comigo em Libras. Eles falam muito rápido, sabem que eu sou surdo, mas nunca entendem como facilitar a comunicação pra mim, melhor conversar com eles por meio de mensagens, mesmo morando mesma casa. Quando nos falamos por mensagem eu entendo tudo o que eles falam, às vezes temos crises por falta de comunicação.



Figura 26: DONA FLORINDA

Dona Florinda, 31, para comunicar com meus pais eu escrevia em um papel, eles não conseguiam falar em Libras. É muito difícil manter diálogo com meus familiares em especial meus pais, embora eles sabem que eu sou surda. Escrevia em português para que meus pais pudessem ler. Já usamos o aplicativo *WhatsApp* e também legendas para tentarmos nos comunicar. Meus pais não conseguiam falar em Libras e eu sempre tentava escrever português, por isso tive uma crise. Eles nunca fizeram cursos de Língua de Sinais Brasileira.



Figura 27: DONA CLOTILDE

Dona Clotilde, 32. Sou surda profunda usuária da Libras, língua essa que adquiri naturalmente. Como minha mãe não sabe Libras, então a nossa comunicação é bem complicada. Ela não sabe escrever e, nem ler em português e por isso não sabe escrever mensagem de texto no celular dificultando ainda mais a nossa comunicação. Consigo falar pouco, e mesmo assim não sei pronunciar algumas palavras, só compreendam as que são fácil compreensão. Já houve vários desentendimentos entre nós duas por falta de comunicação. Eu ensino Libras para ela, mas não aprendeu muito bem, usamos gestos o que torna a nossa comunicação bem difícil.

Estas narrativas dos surdos adultos são histórias tristes que retratam os problemas relacionados à comunicação na família de surdos que são filhos de pais não surdos. Foram abordadas as crises que acontecem por falta de acessibilidade linguística no núcleo familiar. Até meado do século XXI, não tínhamos a lei de Libras, e os pais não conheciam a especificidade linguística dos surdos, que é a língua de sinais, não tinham informações sobre língua de sinais brasileira. Os surdos eram influenciados pelas as línguas.

Somente na década de 80, que começou os movimentos para difusão da língua de sinais e também a luta pela escola inclusiva e, nas igrejas começaram a ter intérpretes de Libras. Alguns pais não tem informação sobre a LSB e outros aceitam a aprender a língua brasileira de sinais.

1.2. ENTRE PAIS NÃO SURDOS E FILHOS SURDOS: IMPORTÂNCIA DO APRENDIZADO DE LSB

O desafio da aprendizagem da Libras por pais não surdos é muito importante para o desenvolvimento dos filhos surdos, pois é pela língua que os indivíduos se expressam, manifestam suas artes, seus anseios, suas angústias. Este familiar que

aprende a Libras poderá futuramente ser um profissional intérprete, por causa da acessibilidade linguística em casa.

1.2.1. Desafio da LIBRAS

Os pais não surdos precisam aprender a língua de sinais brasileira, porque é importante que se comuniquem melhor com seus filhos surdos. Com um bom relacionamento e uma boa comunicação entre pais não surdos e filhos surdos, é possível garantir uma melhor educação para os filhos surdos que se encontram em desenvolvimento e precisam de orientação quanto à postura social e ao comportamento social que devem assumir.

Os pais desejosos de aprender a língua de sinais brasileira devem procurar o curso de Libras. É importante conversar com seus filhos surdos, descobrir suas necessidades de potencialidades, além de poderem entender melhor e conduzirem melhor a relação de seus filhos com a sociedade, especialmente quando precisando de frequentar hospitais, bancos e demais órgãos públicos e privados. Segundo Quadros e Stumpf (2013, p. 27),

“o ensino de libras para ouvintes passa a contar com uma produção acadêmica no campo da linguística aplicada ao ensino de línguas, com foco no ensino da Libras. Zancanaro (2013) apresenta uma análise das produções de alunos aprendizes das libras como L2 com foco na fonologia.”

Atualmente os pais podem fazer cursos de Libras que são ofertados nos níveis básico, intermediário e avançados, melhorando assim a comunicação com os filhos surdos.

Os filhos surdos também podem ensinar a língua de sinais brasileira para os seus pais não surdos, nos momentos comunicativos em casa, usando os objetos, móveis e etc. Os pais estão em contato com os sinais todos os dias, mas é complicado, por isso depende da atenção dos filhos quando conversar em língua de sinais. Os pais preferem usar a língua falada com as crianças surdas, pois é mais fácil. Alguns surdos aprendem a oralizar e os que não aprendem como fazer? O problema é os pais não entendem a especificidade linguística dos filhos surdos.

De acordo com Zancanaro Junior (apud QUADROS & STUMPF, 2018, p. 62) Pode-se dizer que não surdos, ao aprender a Libras, apoiam-se pela visão diferentemente da Língua Portuguesa onde se apoiam mais fortemente pela audição.

Os autores consideram, ao comprar as distinções entre as línguas, que parece existir uma necessidade de atenção visual maior dos não surdos para compressão da Libras.

1.2.2. Desafio da comunicação entre pais não surdos e filhos surdos

Se pais não surdos não sabem a Língua de Sinais Brasileira, também, se filhos surdos não sabem a Língua Oral no nosso caso o Português como segunda língua (sem estudar a língua portuguesa), acontecem as crises relacionada com a falta de comunicação entre pais não surdos e filhos surdos.

Silva e Sousa (*apud* QUADROS & STUMPF, 2018), Possa considerar com flexibilidade as questões da pobreza do estímulo e do período crítica para aquisição, já que as autores relatam casos de surdos filhos de pais não surdos que ensinam libras a seus pais, ao invés de terem recebido a língua deles, ou seja, indivíduos que não recebem praticamente nenhum estímulo de uma língua específica e cuja aquisição possa ter se dado tardiamente terem adquirido uma língua sem prejuízo cognitivos perceptíveis, o que não seria previsto por uma teoria de base inatista.

Silva e Sousa, (*apud* QUADROS & STUMPF, 2018), Os surdos encontram-se isolados do acesso natural à linguagem oral por questões também naturais como são as deficiências auditivas. E essa existência singular das comunidades surdas traz como consequência fenômenos de diversas ordens, mas, o principal deles é a consequência linguagem. Ou seja, os surdos filhos de pais surdos aprendem naturalmente a LS, no entanto, não podemos dizer os mesmos dos surdos filhos de pais ouvintes, que não usuários de LS.

As crianças surdas que já adquiriram a língua de sinais brasileira, e que também sabem a língua oral, os pais não surdos podem escolher como querem se comunicar com seus filhos em língua de sinais ou língua falada. Se não sabem oralizar como fica a comunicação com os pais, pois os pais não surdos não sabem a língua de sinais brasileira, e como poderão se comunicar português escrito para surdos, está é a segunda língua dos surdos e nem sempre esse meio de comunicação se torna eficiente.

Outra coisa muito séria, os pais não surdos não sabem escrever e não são alfabetizados em, pois nunca estudaram, ou frequentaram uma escola. Como eles podem se comunicar com os filhos surdos? Ficarão sempre dependentes dos

intérpretes de Libras dentro de casa? Os surdos não sabem a língua oral, quando o pai os obriga a oralizar, como fica? Como acontece as relações entre pais não surdos e filhos surdos? O problema relacionado a comunicação é, necessário estudar e aprender a língua portuguesa como primeira língua e também aprender a língua de sinais brasileira como segunda língua para ajudar e contribuir para melhorar a comunicação com os filhos surdos.

Se pais não surdos não se interessam em se comunicar em língua de sinais brasileira com seus filhos surdos, perde-se o foco e os filhos surdos ficam sem “voz”? Queriam outros mais fácil comunicar língua oral com amigos e parentes, é problema, porque o risco gentes podem se agoniar. A complicação a família se não sabem ou não querem, só falada o dentro da casa, os surdos se nada conversar com família, por exemplo dia é festa de Natal, aniversário com parentes.

De acordo com Dorzian (apud SKLIAR, 1999, p.29) reconhecer as diferenças é reconhecer as limitações e potencialidades dos surdos, no que diz respeito ao seu desempenho na aquisição de uma língua cujo canal de comunicação é o oral-auditivo e sua habilidade linguística que se manifesta na criação, uso e desenvolvimento de língua viso-gestuais, respectivamente.

1.3. O PAPEL DA ESCOLA NA RELAÇÃO ENTRE OS PAIS NÃO SURDOS E A CRIANÇA SURDA

1.3.1. Escola Bilíngue

A escola bilíngue é uma instituição que oferece duas línguas, Língua de Sinais Brasileira como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua. A história da Escola Bilíngue de Brasília começa em 2011, quando surdos e professores lutaram pela escola bilíngue de surdos, em todos os estados do Brasil. O movimento de surdos em Brasília, foi muito importante para a conquista aos direitos a uma educação linguística para surdos, os professores surdos e professores não surdos usaram a fluência em Língua de Sinais Brasileira, e também a cultura surda.

O papel do profissional da educação com conhecimento dos aspectos da cultura surda e da comunidade surda. E faz se necessário também que ele possua fluência na língua de sinais brasileira.

A escola bilíngue para surdos uma educação voltada para a especificidade linguística destes sujeitos. Ela é composta por surdos filhos de pais não surdos, também por não surdos filhos de pais surdos que são os CODAS, que também tem o direito a língua de sinais brasileira A escola é baseada no ensino bilíngue em que transita em duas línguas: a língua de sinais brasileira com primeira língua e o português escrito como segunda língua no ambiente escolar. No Distrito Federal há apenas uma única a escola bilíngue, localizada na cidade de Taguatinga-DF, conhecida com a Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga (antiga Escola Classe 21 de Taguatinga, foi criado em 2013), lá atende desde a educação infantil até o ensino médio para surdos.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue. (BRASIL, 2005).

A metodologia do ensino em libras é visual, por exemplo: a didática do material e as atividades em língua de sinais brasileira são mais fáceis de compreender pois a língua é visual. Para que haja desenvolvimento, aprendizado e para que os surdos adquiram mais conhecimentos é necessário usar materiais explorando a visualidade deles.

De acordo com Kyle (apud SKLIAR,1999, p.21) Muitos sistemas insistem que os professores surdos, na escola, usem sua voz todo o tempo. Os surdos que conseguem passar pelos obstáculos do sistema da educação são muitas vezes aqueles que tiveram sucesso no sistema oral e talvez tivessem que negar sua própria língua.

Outros estudos pela educação que os Surdos querem intitulam-se Pedagogia Surda, Pedagogia Visual ou mesmo os escritos e lutas pela Educação Bilíngue para Surdos (LOURENÇO, 2017 p.156)

A partir dos quais se define que os surdos são bilíngues e que a pedagogia deve refletir coerentemente esse condição; a “ouvintizado” que a pedagogia, isto é, a intenção de realizar uma educação bilíngue exclusivamente a partir

de professores, didáticas, textos, dinâmicas, percepções e língua dos ouvintes monolíngues; a “ouvintizada” pedagógica no processo de formação dos educação surdos; a falta de uma assessoria política competente dentro do universo da educação para os surdos; e, finalmente, a tendência á experimentação pelo receio em termos da “coerência” que deve imperar nos princípios inovadores da educação bilíngue para surdos.” (SKLIAR, 1999, p.10)

Os pais não surdos anseiam encontrar na escola bilíngue para surdos o melhor para seus filhos e os pais não surdos começam a ter contato com a Língua de Sinais Brasileira e com o Português escrito, propiciando mais conhecimentos e melhorando a comunicação com os filhos surdos. Os professores surdos e não surdos possuem fluência na Língua de sinais brasileira, nesta relação entre professores/alunos surdos na sala de aula.

1.3.2. Cultura Surda

A cultura surda possui vários aspectos que estão associados com a comunidades surda, identidade surda como, por exemplo, a comunicação é experiência da visualmente, AA cultura se manifesta por meio da Língua de sinais, Artes Visuais na língua de sinais brasileira, Literatura em língua de sinais brasileira, esporte para surdos, vida social, familiar, política para surdos e associação com surdos. De acordo com Perlin:

“Cultura surda é jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável, ajustando -o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas.”

“A cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto e normas, valores e comportamentos” (PERLIN *apud* STROBEL, 2018, pp.29-30)

“Culturas diversas e saberes diversos precisam ser compreendidos em seus respectivos contextos histórico-sociais, constroem-se a partir de logicas próprias e de racionalidades distintas, portanto não se submetem, de forma absoluta, uns aos outros”. (LOPES, 1997:34 *apud* SKLIAR, 1999, p.34).

Comunicação e experiência visual:

Os surdos sempre se comunicam com amigos surdos usuários da língua de sinais, o tempo todo, isto é uma manifestação da cultura surda, esse conversar muito com os amigos surdos, normalmente eles combinam de se encontrarem com vários amigos nos mesmos lugares, após o trabalho, escola, e também depois dos cultos religiosos, a comunicação é sempre visual por meio da língua de sinais brasileira, momento propício para expandir os conhecimentos vocabular na língua.

[...] experiência com os surdos era como a da maioria das pessoas, a de alguma vez ter visto duas pessoas conversando por meio de sinais, sem prestar maior atenção - o olhar não treinado não vai além do que o senso comum registra. (PERLIN apud STROBEL, 2018, p. 25)

Também os encontros acontecem em outros estados do Brasil em eventos nas associações dos surdos, congressos, eventos das igrejas. Nos atos comunicativos percebemos sinais diferentes que são as variações em LSB, por mais que sejam sinais diferentes usados em outros estados é possível compreender perfeitamente.

Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso as informações.(WALLIS, 1990, p.16 *apud* STROBEL, 2018, p.47)

Esse contato da criança surda com adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais é que proporcionará o acesso á linguagem e, desse forma, assegurará a identidade e a cultura surda, que são transmitidas, naturalmente á criança surda em contato com a comunidade surda.(STROBEL, 2018, p.48)

Assim, as crianças surdas nunca param contato com surdos adultos, também nunca param de conversar com adultos surdos, pois tem curiosidade e interessa pela língua de sinais brasileira, aumentando o seu conhecimento vocabular na língua.

A Linguística da Língua de Sinais Brasileira mostra a importância de se respeitar a cultura surda. Os surdos se encontraram os congressos de linguística, a relacionar-se o conhecimento a linguística a cultura:



Figura 28: TILPS⁹

Figura 29: CILLTTLS¹⁰

Tem muitos surdos artistas que fazem desenhos, pintura, esculturas e outras manifestações artísticas com a extensão, beleza, harmonia e também revoltas com muitas discriminações sofridas pelo povo surdo. (STROBEL, 2018, p.82).

De acordo com Strobel, (2018, p.82) Como exemplo, há muitas pinturas e esculturas lindas que os artistas surdos produzem em língua de sinais, cenas de opressão ouvintista e outras.”

A surda americana Nancy Rourke, é uma profissional designer gráfica há 20 anos, o trabalho consiste em pintar quadros com a temática da língua de sinais, tornado importante o seu trabalho para a manifestação da cultura surda.



Figura 30: Nancy Rourke¹¹

Ela pinta somente com os tons de azul-claros e escuros, vermelho, amarelo, preto e branco, a seguir mostraremos alguns dos quadros de língua de sinais:

9 Disponível em <http://www.congressotils.com.br>

10 Disponível em <https://cillttls.wixsite.com/cillttls>

11 Disponível em <http://www.nancyrourke.com/biography.htm>

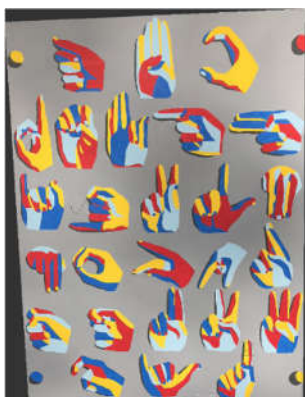


Figura 31

Alfabeto de Hannan 36x48 látex em tela

Nancy Rourke, 2018



Figura 32

ASL Zone v. 2 16 x 20 polegadas óleo sobre telas
20 acrílico

Nancy Rourke, 2016
Rourke, 2015



Figura 33

Eye Tree Community 16 x

sobre tela, Nancy

Os surdos são capazes de fazer todos os tipos de trabalhos. Estes as mãos são valorizadas, o quadro mostra o conhecimento da cultura surda. O surdo brasileiro que também produz artes visuais reproduzindo a língua de sinais brasileira como mostra as fotos abaixo:



Figura 34: MÃOS E “A”, Amarildo João Espindola



Figura 35: Amarildo João Espindola

Essas artes visuais mostram um pouco como é a cultura surda; o autor foca na mão e em alguns sinais da língua de sinais brasileira, ele faz artes com o alfabeto manual, o nome dele é Amarildo João Espíndola, o artista faz arte usando principalmente a língua de sinais brasileira como já mencionado, também cria objetos decorativos usando a visualidade.

Literatura em Língua de Sinais Brasileira e Surda:

A maioria dos surdos têm interesse na Literatura da LSB e surda, porque encontram nestas artes oportunidade de lazer: a poesia, o teatro, a música, piada, narrativo e história do livro como escrita sinais, cinema com legenda, muito importante para os surdos, porque o conhecimento em língua de sinais brasileira e no português escrito.

A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp (1989, p.102) faz referência a respeito desse artefato cultural: “(...) utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa” (STROBEL, 2018, p.68)

Os surdos sonham em ser atores, atrizes, bailarino e etc., mas os pais não surdos não os deixam participarem, pensam que surdo não é capaz, por desconhecerem a cultura surda.

A literatura surda refere-se as várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões de não surdos, de

como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos, sobre a valorização de suas identidades surdas. (STROBEL, 2018, p. 68)

As crianças surdas têm interesse em várias histórias da Literatura Surda, são narrativas da comunidade surda que mostra igualdade com a cultura não surda. Há literaturas que são traduzidas e adaptadas para a Língua de Sinais Brasileira e também para a escrita de sinais nos livros produzidos para a comunidade surda.

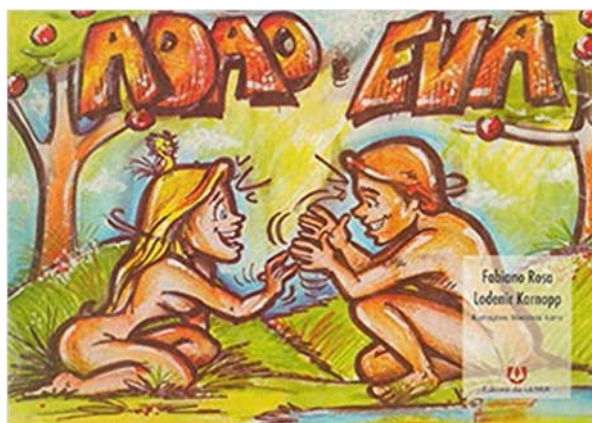


Figura 36: ADÃO E EVA, Rosa e Karnopp

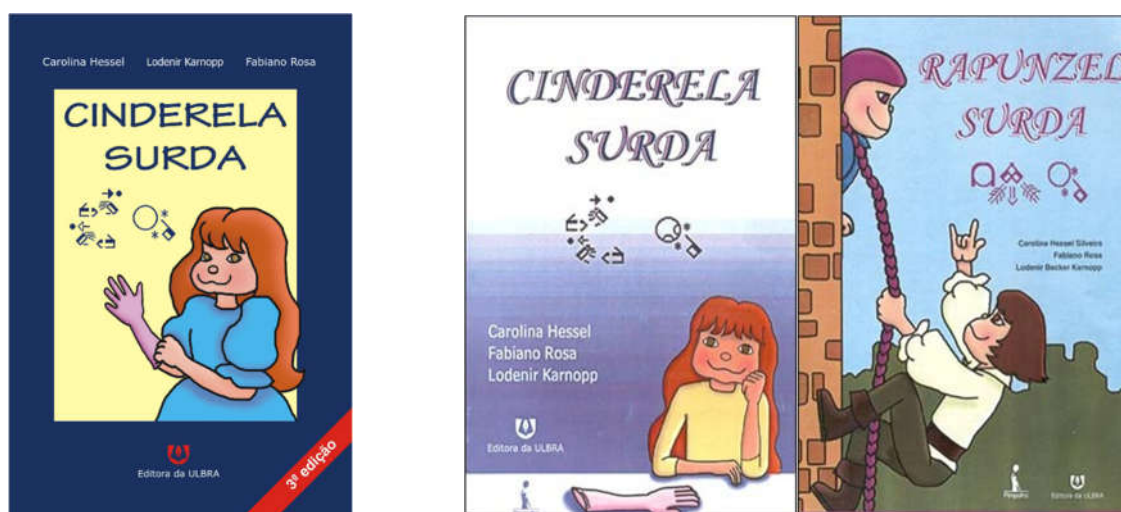


Figura 37: CINDERELA SURDA E RAPUNZEL SURDA, Hessel, Karnopp e Rosa, 2018

Os livros de histórias “O feijãozinho surdo” com Kuchenbecker e “Cinderela Surda”, “Rapunzel Surda” com Hessel, Karnopp e Rosa, também com escrita sinais para surdos.



Figura 38: O FEIJÃOZINHO SURDO, Kuchenbecker



Figura 39: Hessel, Karnopp e Rosa, 2018

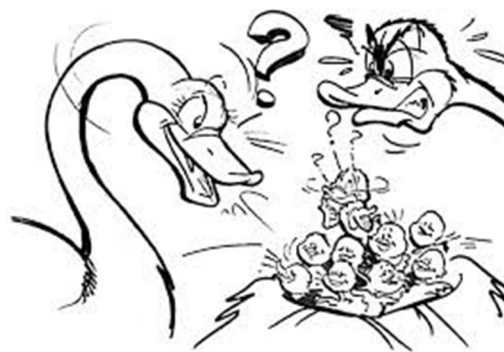
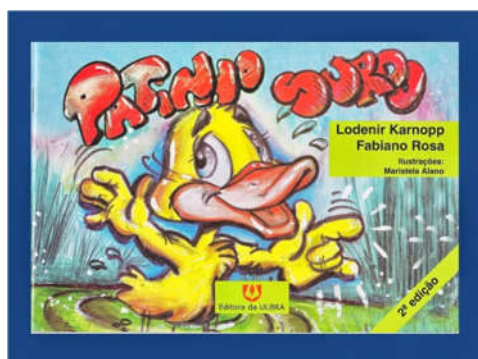


Figura 40: PATINHO SURDO, Hessel, Karnopp e Rosa, 2018

O livro “Patinho Surdo”, conta a história de uma família não surda de patinhos que descobre que um patinho era surdo, depois ele foge e encontra uma comunidade de patinhos surdos.

Em 2018 foi inaugurado em Brasília, um evento chamado Festival Despetacular Brasília-DF. Atores e atrizes surdos que participam do teatro usaram a

língua de sinais brasileira. Os surdos que participaram do evento tiveram a oportunidade de fazer: cursos e oficinas de desenho, poesia, teatro, dança, SLAN, artes visuais e cinema em língua de sinais brasileira na cultura surda. Os idealizadores do Festival Despetacular são uma atriz surda chamada Renata Rezende e um ator surdo chamado Lucas Sacramento.



Figura 41: Festival Despetacular Brasília-DF¹²

Também houve outros festivais com a temática da Literatura Surda na UFSC - Florianópolis-SC e na UFPE - Recife-PE.



Figura 42:II Festival Cultura e Literário em Libras da UFPE¹³ **Figura 43:**Workshop de Literatura Surda¹⁴

12 Disponível em <https://www.facebook.com/fdespetacular>

13 Disponível em <https://www.festivalcllufpe.wixsite.com>

14 Disponível em <https://workshopdeliteraturasurda.com/>

Os festivais de literatura surda é uma forma de divulgar a cultura surda nos estados, também uma forma de mostrar as experiências linguística na língua de sinais brasileira

A literatura surda também envolve as piadas surdas que exploram a expressão facial e corporal. O domínio da língua de sinais e a maneira de contar piada naturalmente são considerados extraordinários na comunidade surda. (STROBEL, 2018, p.72)

Os surdos se expressam por meio das piadas sobre a cultura surda, que são produzidas nas conversas com os amigos surdos, também participam de grupos de teatro com surdos. Os atores humoristas do “Surdos Show Humor é o Waldimar Carvalho e Carlos, já apresentaram em vários teatros.



Figura 44: SURDOS SHOW HUMOR, Ilustrado Fabio Sellani

De acordo com Peters (2000 apud SPENCE & MACHADO; QUADROS & STUMPF, 2018, p.188) argumentou de forma convincente que a língua de sinais criativa é multifuncional e multidimensional e assim os gêneros literários baseados na literatura escrita não são adequados para categorizar as obras artísticas. No entanto, em um nível básico e prático, precisamos de algumas orientações para uma antologia¹⁵. O poema na língua de sinais brasileira é o deles expressarem os seus sentimentos.

15 trabalho literários agrupados por temática, autoria ou período

Esporte para surdos e Vida social:

De acordo com Strobels (2018, p.74) é a vida social e esportiva do povo surdo. São acontecimentos culturais tais como casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros.

Quando eu tinha mais ou menos uns seis ou cinco anos de idade, em Taguatinga, no restaurante da minha mãe, ela me pediu para comprar um guardanapo de papel, mas ela não sabe LSB, somente falava por gestos. Eu havia entendido que era para comprar papel higiênico eu fui sozinha para o mercado, quando cheguei procurei o papel, perguntava no caixa do mercado, falava sem voz “P-A-P-E-L, mas mulher não entendeu, e me deu o papel higiene e eu comprei. Quando voltei ao restaurante e entreguei o papel para minha mãe, ela disse que não era papel higiene e sim guardanapo de cozinha. Na mesma situação, exemplifico outra cena ocorrida com ator surdo Nelson Pimenta (1999, p.62 apud STROBEL, 2018, p.74):

“Aconteceu aos seis anos de idade, quando minha mãe me mandou comprar uma mamadeira para meu irmão, na época um bebê. Ela não se preocupou com o fato de eu ser surdo. Foi a primeira vez que comprei alguma coisa sozinho. Na loja, fiquei olhando, procurando nas prateleiras a mamadeira para apontar, mas não havia nenhuma à mostra. O lojista me pediu para escrever o que queria, mas aos seis anos, eu ainda não sabia escrever. Então desenhei a mamadeira no papel, o homem entendeu e eu voltei feliz da vida para casa.”

Strobels (2018, p.78) o padrão de comportamento do povo surdo versa sobre a habitual frequência aos bailes das associações de surdos, com seus desfiles de misses surdas, discursos longos e repetitivos dos presidentes e representantes de outras associações; também sobre a entrega de troféus e medalhas aos atletas surdos nos eventos esportivos de surdos.

Primeira surda a participava Miss Brasil, já acontecer o vencer a Vice-campeã Miss Brasil a chama Vanessa Vidal.

Com a divulgação dos eventos de Miss Surda Brasil, o estado Ceará foi a primeiro evento que teve desfilando misses surdas, (após vencer o Vice Miss Vanessa Vidal foi se tornou umas das organizadoras do evento), Brasília e São Paulo também tiveram surdas participando do evento Miss Surda em Ceará. Se elas vencerem participam Miss World Deaf.



Figura 45: MISS SURDA BRASIL,2013¹⁶



Figura 46: MISS SURDA DISTRITO FEDERAL ¹⁷

A cultura surda, também engloba os esportes praticados pelos os surdos nas associações de esporte de surdos no Brasil. Os surdos sempre viajam para outros estados do Brasil para as competições, tais como: futsal (masculino e feminino), futebol, natação e vôlei. Já viajaram para outros países para participar de campeonato em Turquia, Tailândia e na Europa.

Há associações desportiva de surdos em Brasília, Rio de Grande Sul, Goiânia, São Paulo, filiadas à Confederação Brasileira de Desportos dos surdos CBDS:

16 Disponível em <https://www.facebook.com/Miss-Surda-Brasil>

17 Disponível em <http://missurdadf.blogspot.com/>



Figura 47: FDSESP¹⁸

FDSRS²⁰



Figura 48: FDSP PARANÁ¹⁹



Figura 49:

Nas cidades de Palmas – TO, Boa Vista-RR e Porto Velho-RO, Rio Branco-AC, Mato Grosso-MT não são filiados ao CBDS, e também não tem associações de esporte.

A Confederação Brasileira de Desportos dos surdos (CBDS): responsável por organizar as competições esportivas dos surdos. Foi fundada em 17 de novembro de 1984.



Figura 50: CBDS²¹

A abertura da cerimônia das 2º Surdolimpíadas do Brasil em 2019, no Pará de Minas-MG, a primeira-dama Michelle Bolsonaro estava presente na cerimônia, o

¹⁸ Disponível em <http://www.fdsesp.com.br/>

¹⁹ Disponível em <http://fdsparana.org.br/>

²⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/fdsrs.surdos>

²¹ Disponível em <http://cbds.org.br>

discurso em Língua de Sinais Brasileira, falou sobre abertura de uma sede em Brasília também que será na Escola Bilíngue para surdos, na 912 sul em Brasília.



Figura 51: 2º Surdolimpíadas do Brasil -2019²²



Figura 52: MICHELLE BOLSONARO²³

Federação Estaduais Esportivas de Surdos-FEES: intercâmbios esportes de surdos

[...] a pratica esportiva para os surdos requer apenas algumas adaptações de sinalização visual, já que o surdo não possui debilitação física, sendo capaz de competir em grau de igualdade com atletas não surdos. Em um jogo de futebol, por exemplo, no lugar do apito são usadas bandeirinhas coloridas. (ZOVICO *apud* STROBEL, 2018, p. 80)

22 Disponível em <https://www.noticiasvip.com.br/economia/governo-anuncia-reinclusao-de-deficientes-auditivos-no-bolsa-atleta/16829/>

23 Disponível em <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/em-par%C3%A1-de-minas-michelle-bolsonaro-anuncia-sede-para-confedera%C3%A7%C3%A3o-desportiva-de-surdos-1.722674>

Muito importante, o Hino Nacional em Língua de Sinais, respeito a primeira língua dos surdos, na abertura dos jogos dos surdos, por isso eles que aprendem o hino nacional brasileiro.

De acordo com Strobel (2018, p.80) No ano de 2002 foi realizada no Brasil, na cidade de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul, a primeira Olimpíada de Surdos do Brasil.

Houve comoventes desfiles dos times de várias associações de surdos brasileiros, hasteamento das bandeiras e Hino Nacional em língua de sinais, que marcaram a abertura dos jogos.

Em eventos públicos como, por exemplo, nas palestras ou apresentações teatrais, os sujeitos surdos não ouvem os aplausos com as palmas das mãos, que comovem os sujeitos não surdos pelo barulho forte e vibrante; plateias aplaudem para sujeitos surdos girando as mãos levantadas no ar. (STROBEL, p.81).

Família:

Filhos surdos de pais não surdos:

Os pais não surdos não conhecem como é a vida e nem a cultura surda. Os surdos já estão acostumados a conviver com outros surdos por meio da língua de sinais brasileira. Por exemplo, quando a família é toda de pessoas não surdas se reúne e você é a única surda, é muito complicado, porque os surdos sempre ficam calados, sozinhos e assistindo Tv é assim a vida dos surdos.

Salvo alguns casos, quando tem diálogos e bom vínculo entre eles, isso ocorre porque um ou outro membro não surdo da família do filho surdo resolve se informar a aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda em uma relação de diálogo, no qual existe uma efetiva troca de saberes e a aceitação da identidade surda. (STROBEL, 2018, p.62)

A comunicação com pais não surdos, sempre limita a relação, não sabem nada da língua de sinais brasileira, somente língua falantes, que seria a segunda língua para filhos.

Filhos não surdos de pais surdos:

São chamados Coda é a sigla para Children of Deaf Adults em inglês, a relação entre pais surdos e filhos não surdos em língua de sinais brasileira dentro de casa e também fora, pode ser um futuro interprete de Libras e poderá ajudar os pais surdos, e contribuir para com a comunidade surda. As crianças não surdas, desde criança aprendem Libras em contato diário com os pais surdos, desenvolvimento a aquisição de segunda língua.



Figura 53: Coda Brasil²⁴

Filhos surdos de pais surdos:

Muitos aspectos da cultura surda se manifestam na família surda que tem direito a língua de sinais brasileira como primeira língua, a comunicação é efetiva, além dos usos de tecnologia como facilitador para surdos usuários da língua de sinais como: “cam-video” as conversas no celular com pais surdos são visual-especial.

24 Disponível em <https://www.facebook.com/CodaBrasil/>



Figura 54: CAM-VIDEO²⁵

Não precisam escrever em Português como segunda língua comunicam com pais surdos pela língua visual-espacial língua da família surda, mas também aprendem o Português como segunda língua, porque é importante para a interação social.

Política para surdos:

Os surdos lutam sempre e nunca desistem, buscam acessibilidade linguística, a tecnologia e escolas bilíngues, também políticas educacionais para os surdos. Eles têm direito e são capazes de se manifestarem na comunidade surda por meio das suas identidades surdas. Por causa destas lutas a comunidade surda conseguiu aprovar a lei de Libras, e também as escolas bilíngues, a acessibilidade e as tecnologias em Língua de Sinais Brasileira.



²⁵ Disponível em <http://datatime.com.br/clientes/libras/tecnologias-para-surdos/comunicacao-surdos.php>

Figura 55: MANIFESTAÇÕES SURDOS²⁶

Aconteceu em Brasília as manifestações pelas escolas bilíngues surdos de todo o Brasil vieram e participaram dos movimentos junto ao MEC. Os surdos participam e se organizam em grupos políticos nas redes sociais, com o intuito de se relacionar e de passar informações para os demais surdos.

1.3.3. Comunidade Surda e Povo Surdo

Os surdos lutam para serem líderes nas comunidades surdas, e também lutam por acessibilidade nos diversos espaços sociais, principalmente para a difusão da Libras a pessoas não surdas, que não conhecem as comunidades surdas. Participam nas escolas, igrejas, associações e congresso. Também com a presença de intérpretes pessoas da família pode participar como membros da comunidade surda.



Figura 56: FENEIS

Quando os sujeitos surdos estão em comunhão entre eles, e quando compartilham suas metas dentro da associação de surdos, federações, igreja e outros locais dão o sentido de estarem em comunidades surdas. (STROBEL 2018, p.42)

²⁶ Disponível em <http://discutindolibras.blogspot.com/>

A comunidade surda no Brasil comemora no mês de setembro, “Setembro Azul”, a partir de 26 de setembro, dia Nacional dos Surdos”, com o dia 30 de setembro a comemorar o “Dia Internacional dos Surdos, além dia 23 de abril que se comemora o “Dia Nacional da Educação para os Surdos” e, por fim, o dia 24 de abril, dia da sanção da “Lei de Libras - 10.436/2002.

A comunidade surda não gosta se chamar “surdo-mudo”, afirmar os surdos tem vozes, a simples Surda, porque posse ter visual-especiais na língua de sinais brasileira.

Na comunidade surda também pode haver sujeitos surdos e não surdos. Já os membros de uma cultura surda comportam-se como sujeitos surdos e compartilham das crenças de sujeitos surdos entre si, sendo estes membros pertencentes ao povo surdo. (PADDEN e HUMPHRIES, 2000 apud STROBEL, 2018, p.37).

Strobel (2018, p.41), os sujeitos surdos que vivem no Brasil, que usam a mesma língua de sinais do Brasil, que têm costumes, história, tradições comuns e interesses semelhantes estamos nos referindo ao Povo Surdo do Brasil!

Os sujeitos surdos que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independentemente do nível linguístico. (STROBEL, 2018, p.42).

Strobel (2018, p.42), quando os sujeitos surdos estão em comunhão entre eles, e quando compartilham suas metas dentro da associação de surdos, federações, igreja e outros locais dão o sentido de estarem em comunidades surdas.

Na comunidade surda os surdos gostam de lazer: passeio, cinema, shopping, eventos (congresso, festa de eventos, etc.), esportes: natação, futebol, futsal (masculino e feminino) e vôlei.

Por um lado, eles podem lembrar de suas escolas como uma época feliz quando usaram livremente pela primeira vez a língua de sinais; por outro lado, é um lugar povoado por professores que só usavam a fala e que os puniam por usar a língua que lhe era tão eficaz. Kyle (apud SKLIER, 1999, p. 21)

De acordo com Kyle (apud SKLIAR, 1999, p.22): “o nascimento de criança sura provavelmente seja um stress para a família, mas não necessariamente a dor e senso de perda que é muitas vezes atribuída a ele pelos profissionais não surdos. Os pais

buscam informações e tranquilização, Isso talvez os leve a modelos médicos e a intervenção medica bem como á negação da surdez. Também pode leva-los aos surdos e sua comunidade. A língua de sinais foi usada em casa e a criança provavelmente chegava na escola com uma língua funcionaste. As famílias existem antes, durante e depois das escolas bilíngue. Na verdade, a família é o hospedeiro mais autêntico do bilinguismo.”

As famílias com pessoas não surdas, intérprete de Libras, os professores bilíngues, igrejas sempre apoiam a comunidade surda. A família é necessária que eles entendam como a cultura e identidade se manifesta na comunidade surda.

Os surdos, sabemos, têm características culturais que marcam seu jeito de ver, sentir e se relacionar com o mundo, e a cultura de povo surdo “é visual, ela traduz-se de forma visual” (QUADROS, 2002:10 apud GESSER, 2009, p.54)

3.4. *Etnia*



Figura 57: RAÇA E ENTIA²⁷



Figura 58: RAÇA NO BRASIL²⁸

Comunidade Surda é composta por seres humanos, com suas etnias, diferente visão de mundos, indivíduos que são diferentes quanto a: a cultura, religião, língua, raça.

²⁷ Disponível em <https://www.diferenca.com/raca-e-etnia/>

²⁸ Disponível em <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria>

Art.3 Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
IV- Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988, p.3)

A etnia brasileira surda tem diversidade e diversos grupos culturais; os negros, religioso, línguas, LBGTs, transgênero, todos fazem parte da comunidade surda.

Na escola bilíngue para surdos, possuem estas diversidades étnicas, e, isso se faz muito importante para a língua de sinais brasileira. No Maranhão a comunidade surda tem outra língua de sinais, a *língua de sinais Kaapor brasileira* que é a cultura dos surdos indígena daquela região.



Figura 59: Língua de Sinais KAAPOR²⁹

Os negros surdos são capazes, também lutam por igualdade social no Brasil, é importante combatermos os preconceitos contra os negros. Estão inseridos na comunidade surda e participam de congressos em São Paulo, Florianópolis, Salvador, Rio de Janeiro, Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo - (CNISNS), com o objetivo de divulgar a cultura surda dos negros surdos seguir:



²⁹ Disponível em <https://www.webstagram.one/tag/urubukaapor>

Figura 60: NEGRO SURDO³⁰



Figura 61: CONGRESSO NACIONAL DE INCLUSÃO SOCIAL DE NEGRO SURDO³¹



Figura 62: CNISNS FLORIANÓPOLIS-SC^{32[OBJ]}

Os negros surdos brasileiros são usuários da língua de sinais brasileira que os torna as pessoas participantes da comunidade surda. o pesquisador Francisco José Buzar em seu trabalho de mestrado em educação pela Universidade de Brasília, trata da temática com o enfoque na “Interseccionalidade entre raça e surdez: A situação de surdos (as) negros(as) em São Luis – MA, ano 2012”. De acordo com Buzar (2012, p.23) já há no Brasil um Movimento Social que luta em favor dos direitos das pessoas surdas negras, apesar de não ser muito conhecido. No entanto, é muito difícil encontrar estas duas temáticas interrelacionadas no que diz respeito a estudos acadêmicos científicos, assim como, nas políticas públicas que geralmente tratam de uma ou outra perspectiva.

Pensar o surdo no singular, com uma identidade e uma cultura surda, é apagar a diversidade e o multiculturalismo que distingue o surdo negro da sua mulher, do

30 Disponível em <http://www.culturasurda.net/2015/10/02v-congresso-negro-surdo/>

31 Disponível em <http://superaocpg.wordpress.com/2009/10/30/ii-congresso-nacional-de-inclusão-social-do-negro-surdo/>

32Disponível em <https://noticias.ufsc.br/2017/11/congresso-de-inclusao-do-negro-surdo-destaca-a-importancia-do-combate-aos-preconceitos/>

surdo cego, do surdo índio, do surdo cadeirante, do surdo homossexual, do surdo oralizado, do surdo de lares não surdos, do surdo de lares surdos, do surdo gaúcho, do surdo paulista, do surdo de zonas rurais (SKLIAR, 1998 apud GESSER, 2009, p.55)

Art.2º- O Distrito Federal integra a união indissolúvel da República Federativa do Brasil e tem como valores Fundamentais: *Parágrafo único.* Ninguém será discriminado ou prejudicado em razão de nascimento, idade, etnia, raça, sexo, características genéticas, estado civil. Trabalho o rural ou urbano, religião, convicções políticas ou filosóficas, orientação sexual, deficiência física, imunologia, sensorial ou mental, por ter cumprido pena, nem por qualquer particularidade ou condição, observada a Constituição Federal. (parágrafo com a redação da Emenda à Lei Orgânica nº 65.de 2013 - LODF)

De acordo com Quadros e Stumpf (2018, p.17) O Brasil é o quinto país mais populoso do mundo, com uma história étnica e política complexa. É uma república dividida em 27 anos, com um sistema presidencialista, com três representações governamentais: o legislativo, o executivo e o judiciário. No poder legislativo tem sido discutida questão estabelecidas pelas Organizações da Nações Unidas (ONU) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura- (UNESCO), entre elas as questões associadas aos direitos humanos e direitos linguísticos, especialmente, questões relativas às minorias sociais (ONU, 1948; 1990; UNESCO, 1994).

O multiculturalismo transcende a forma simplista de contemplar cultura diferentes (no caos, a cultura surda), como forma de reduzir preconceitos sociais frente a minorias, de situar a perspectiva de questionamento a visões etnocêntricas³³ do conhecimento ou de proporcionar visões pluralistas da realidade. (SKLIAR, 1999, p.34)

1.4. RELAÇÃO ENTRE PAIS NÃO SURDOS E FILHOS SURDOS REVELADA EM FILMES

Os filmes que abordam a relação entre pais e filhos surdos tornam-se relevantes para tratar de questões sociais. Exemplificaremos com dois filmes; um é um drama que conta uma história ficcional com assuntos sociais. Outra fala sobre as

³³ etnocêntricas é conceito antropológica, sociedade outra própria etnia

questões relacionados com pais não surdos não sabem e não conhecem a língua de sinais, e, portanto não sabem como se comunicar com filhos surdos, o nome do filme é “Meu nome é Jonas”.

Outro filme “Mr. Holland - Adorável Professor”, os roteiros são idealizados e muito importantes trata da mesma temática que a relação entre pais não surdos e filhos surdos, exemplo seguir:

1.4.1. Meu nome é Jonas (filme)



Figura 63

FICHA TÉCNICA COMPLETA

Título Original: *And Your Name Is Jonah*

País de Origem: EUA

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento: 1979

Estúdio: ORION PICTURES CORPORATION

Direção: Richard Michaels

Roteiro: Michael Bortman

Na história do filme Meu nome é Jonas - *And your name is Jonah* em 1979, nos Estado Unidos, o autor Michael Bortman, escreve um drama ficcional, mas que se aproxima da realidade, é um drama, digitador Richard Michaels, o ator mini Jeffrey Bravin é surdo de verdade, era o intérprete de filme o Jonas, “Meu nome é Jonas” é narrado por professoras e alunos. Conta a história o menino surdo que se chama Jonas, foi internado em um Hospital Psiquiátrico como deficiente mental por erro médico. Após erro o médico, Jonas, perdeu uma boa parte da sua vida, viveu em um

hospital por mais de 3 anos. Quando pais dele descobriram que ele era surdo, toma a decisão de tirá-lo da clínica psiquiátrica, mas ele e nem a família dele desconhecem sobre a comunidade surda.

A mãe de Jonas o leva para uma escola inclusiva, mas ele não consegue se relacionar com os colegas de sala. A escola proibia o uso da língua de sinais, por isso ele fazia tratamentos com fonoaudióloga. Os responsáveis da escola pensam que o aluno surdo é preguiçoso, por isso ele não será oralizado, ele se interesse comunicar com quem também é surdo.

A família dele o obriga a ler os lábios e a falar com a ajuda da fonoaudióloga, foi muito difícil, com as várias tentativas de pronunciar as palavras, sem nunca ter ouvido os sons delas. O problema de convívio com a família só aumenta e o pai o manda o voltar a clínica, porém, mãe dele não aceita, se desespera, o pai deixa a esposa sozinha para cuidar de duas crianças, um não surdo e o outro surdo. Sua mãe sofre não sabe como educar um menino surdo, e começa a passar por dificuldades financeiras após separação.

Depois de alguns dias, finalmente, a mãe encontra uma família de surdos que se comunica por meio dos sinais. A mãe foi a convite pela família de surdos na comunidade surda, e a frequentar os espaços como clube de surdos onde os surdos se conhecem, começam a aprender a língua de sinais e sobre a cultura surda.

Jonas começa a ter contato com adulto surdo, e aprende a língua de sinais e se desenvolve socialmente, a mãe também aprende a língua de sinais, o ensinado por um amigo surdo.

O processo de aquisição de língua, melhora a relação entre mãe não surda e filho surdo, usuário na Língua de Sinais Americana. Após os aprendizados da língua Jonas fala em sinais “MÃE’.



Ela leva o filho surdo a escola de surdos que começa a aprender a língua de sinais. Ele já sabia que nome dele era Jonas, por meio da aquisição da língua de sinais, a família ficou feliz.



O filme se parece com histórias da vida real é um desafio em Libras para mãe de menino surdo, o filme “Seu nome é Jonas” mostra a igualdade entre pais não surdo e filhos surdos, que significa empatia para a família de não surdos e surdos. Quando os pais não surdos entendem como a é cultura surda e a comunidade surda, as crianças surdas e suas características: comunicação visual, linguística e a cultura, a “criança normal”.

1.4.2. Mr. Holland - Adorável Professor (filme)

O filme “Mr. Holland - Adorável Professor” conta a história, de um pai que tem um filho surdo, o pai se aceita a relação com filho surdo.

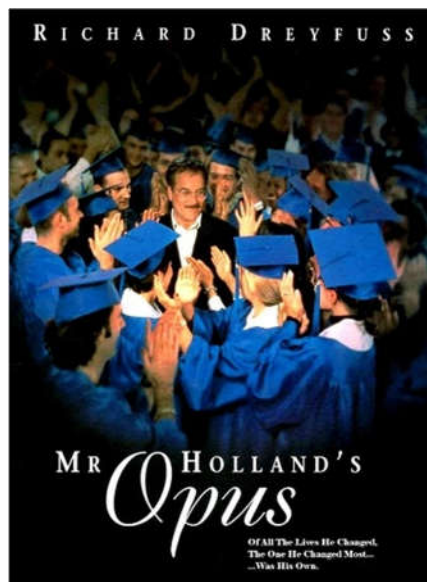


Figura 64

FICHA TÉCNICA COMPLETA

Título original: Mr Holland's Opus

Ano de Lançamento: 1995

Estudio: Buena Vista Picture

Genero: Drama

Direção: Stephen Herek

Roteiro: Patrick Sheane Duncan

Tempo de Duração: 140 min.

O filme dramático de 1996, “Mr. Holland’s Opus” conta a história de 1965, de Glenn Holland, um professor de música do ensino médio, decide começar a lecionar, para ter mais dinheiro e assim se dedicar a sinfonia.

Inicialmente ele sente grande dificuldade em fazer com que seus alunos se interessem pela música, a esposa dele Iris Holland, descobre pela Iris que o filho é surdo, ela se desespera por conta da dificuldade em se comunicar com o filho surdo. O pai dele não aceita que o filho é surdo, pois não poderá ensinar música para um filho surdo, para poder financiar os estudos especiais e o tratamento do filho. Iris toma a decisão de levar o filho para clínica de fonoaudiologia por influência como mãe não surda, ela queria ensinar a oralidade para o filho surdo, mas não dá certo.

Quando encontrou uma escola para surdos e professores com fluência de Língua de Sinais, o filho surdo se desenvolveu e adquiriu a Língua Americana de Sinais- ASL. Iris aprende a Língua Americana de Sinais para comunicar com filho surdo, mas o Glenn aprende um pouco. Mais tarde Holland é aceito e aprende a Língua Americana de Sinais, e começa a se comunicar com o filho.



Mr. Holland participa da apresentação de música com alunos na escola, o filho surdo e Iris foram convidados. Ele dá mais atenção ao filho surdo e começa a interpretar a língua de sinais. Também Iris sempre tem atitudes acessível para o filho, quando marido dela se aposentaria começaram se despedir-se dos alunos.



O filme sobre o pai não surdo e filho surdo e suas relações, o pai era profissional de música, o filho dele não podia participar com a música do pai, o filme significado *“pai é com o som voz e o filho é sem o som, mas tem a voz, não é mudo”*, a língua de sinais tem musicalidade e a cultura surda na literatura surda, que entre pai e filho por empatia, o pai aprende a língua de sinais e o filho também aprende o sentimento de sentir no chão a voz da música.

CAPITULO 3 – METODOLOGIA

Essa pesquisa é bibliográfica com abordagem etnográfica. O registro de questionário que foi analisado com base em roteiro com perguntas e análise comparativa das respostas, o detalhar: quantos surdos e pais, período de idade, entre 15 a 30 para surdos, onde será a entrevista, quais as perguntas; onde os campos em as Escola Bilíngue em Taguatinga e Universidade de Brasília-UnB.

1.1. DEPOIMENTOS DE SURDOS JOVENS E ADULTOS FILHOS DE PAIS NÃO SURDOS ³⁴

1.1.1. Elaboração de questionário com os surdos

Tabela 3 – Surdos na Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga

SURDO	HOMEM- ARANHA	BONEQUIHA DE LUXO	HULK	HOMEM- FERRO	PROFESSORA	BARBIE
Qual a sua idade hoje?	17 anos	18 anos	21 anos	17 anos	25	21
Como sua família descobriu que você é surdo?	Talvez, sim	Minha família não sabem nada descobrir eu era surda	Estranho era surdo	Sim, mas médico pesquisa descobrir ouvir perdeu	Desde 3 mês de bebê, mãe descobriu porque ficava querta nem incomodava	Nasceu surda
Que idade você tinha quando sua família descobriu que você é surdo?	10 anos	Esqueci acho eu era bebe	Não saber	Bebê 1 mês	3 mês	Não sei
Que idade você tinha quando você entendeu que é surdo?	9 ou 10 anos, sim eu	Parece eu tinha 8 anos	16 anos	Tinha 8 idade	Percebia quando eu estava 3 anos	Achei 2 anos

³⁴ Nos questionários/entrevistas ainda aparece o nome OUVINTES, em vez de NÃO SURDOS, porque naquele momento, ainda não tínhamos feito a opção por registrar a expressão NÃO SURDOS em substituição à expressão OUVINTES, por considerar que essa mudança lança um olhar ao NÃO SURDO a partir da perspectiva do SURDO e não da perspectiva do OUVINTE, o NÃO SURDO.

	entender sou surdos					
Como você aprendeu Libras? Onde?	Curso APADA/DF	Aprendi estudo no CEAL	Escola Bilíngue	Na escola ouvinte intérprete me ensinou Libras	Na Escola Normal de Taguatinga-ENT	CEAL/LP
Você convive com surdos sinalizantes, que participam de comunidades dos surdos?	Sim	Sim eu participei	Nada	Já sim	Sim, conversar e participa a comunidade dos surdos	Sim, conversei amigos
Como você se comunica com seus pais ouvintes?	Oralidade	Como eu conseguir comunicar meus pais entender bem	Não	Mais difícil não conseguir comunica	Sinalizar com expressão e oralizar	Mãe uso gesto
Com que idade você começou a aprender a língua de sinais brasileira?	12 anos	Eu tinha 11 anos	15 anos	Tinha 2 idade aprender	Desde menos 2/3 anos de idade	9 anos
Seus pais ouvintes sabem Libras? são fluentes em libras/sabem pouco/não sabem nada	Não sabem nada	Sabem pouco	Não sabem nada	Não sabem nada	Sabem pouco	Não sabem nada
Qual sua maior dificuldade para se comunicar com seus pais?	Muito dificuldade meus pais conversar	Sim, maior meus pais dificuldade comunicar	As vezes difícil	Não conseguir	Oralização	Depende percebe entende gesto
Quantas pessoas sabem libras na sua casa?	Um só	Cinco	Sabia nada	Nada	4 pessoas, mais família do pai e primo (sobrinho da minha)	Nada

Você se comunica com seus pais pela escrita?	Escrever ou oralidade	Sim, às vezes	Nada escrita	Nada	Às vezes, mas muito não (antes fazia mas acho atual não)	depende
Você usa WhatsApp para se comunicar com seus pais?	Sim, eu usar WhatsApp	Sim, eu uso	Nada WhatsApp	Sim	Sim uso até vídeo chamada	Sim
Português é fácil para você?	Sim fácil simples	Sim	Pouco	Mais ou menos	Mais ou menos, mas estou estudando o curso de Português L2 intermediário I	Menos
Seus pais têm Facebook?	Tem sim	Sim	Tem Facebook	sim	Meus pais tem sim	Tem
Seus pais obrigaram você a aprender a língua portuguesa falada?	Pouco	Sim, obrigaram eu oralizar	Família oral	Talvez	Eles não obrigaram, mas eles me colocaram aprender melhor o português escrito	Não

Tabela 4 – Surdos na Universidade de Brasília - UnB

SURDO	<i>MENINA LINDA</i>	<i>PENELOPE CHARMOSA</i>	<i>HANK</i>	<i>REI DAVI</i>	<i>BLOGUERIO</i>
Qual a sua idade hoje?	19	23	24	22	21
Como sua família descobriu que você é surdo?	Minha mãe descobriu chamar vez meu nome	Minha mãe me descobriu, me chamou sua voz, mas eu não sei	Chamou meu nome		Medico, percebendo o chamado
Que idade você tinha quando sua família descobriu que você é surdo?	2 anos	2 ou 3 anos	1/2 anos	4 meses	4 idades

Que idade você tinha quando você entendeu que é surdo?	8 anos	Não sei	Não lembrou	Não lembrou	7 idades
Como você aprendeu Libras? Onde?	Escola pública em Planaltina	Eu tinha contato com libras quando 10 idade, conheci interprete e surdo que eles deram um cursinho da Libras 3 meses em Buriti Bravo	Na escola ENT- Taguatniga (Escola Normal Taguatinga)	CEAL	Na Escola Classe, na sala auditiva
Você convive com surdos sinalizantes, que participam de comunidades dos surdos?	Sim	Quando eu mudei para Brasília que comecei a conviver com os surdos	Ambos, primeiro é com surdos sinalizantes	Sim	sim
Como você se comunica com seus pais ouvintes?	Minha mãe, vezes não comunica	De gestos, depois minha mãe aprender Libras	Com Libras, as vezes uso oral junto com Libras	Sim, parcial	Oral, hoje fala normal
Com que idade você começou a aprender a língua de sinais brasileira?	8 anos	11/ 12 anos	Mais e menos de 4 anos		6/7 anos
Seus pais ouvintes sabem Libras? são fluentes em libras/sabem pouco/não sabem nada	Sabem pouco	É indeterminado apenas mãe	Sabem pouco	Sim ,sabem pouco	Não sabem nada
Qual sua maior dificuldade para se comunicar	Meu pai	Barreira da comunicação quando eu era criança	Comunicar curto e ruim que é voz corta	nenhum	Leitura labial

com seus pais?					
Quantas pessoas sabem libras na sua casa?	Um, minha mãe	Três	Quarto	Cinco	Nada
Você se comunica com seus pais pela escrita?	Nada, só meu os amigos	Sim, só meu pai	Raramente, uso mensagem com tecnologia	sim	sim
Você usa WhatsApp para se comunicar com seus pais?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Português é fácil para você?	Menos	Sim	Sim, depende	Sim	Sim
Seus pais têm facebook?	Pai	Só minha mãe	Sim	Sim	Sim
Seus pais obrigaram você a aprender a língua portuguesa falada?	Não	Não	Sim, desde tinha 10 anos	Depender	Brigava, atualmente é normal, sou surdo moderado

1.1.2. Análise das respostas

Os participantes têm entre 17 a 21 anos de idades em Escola Bilíngue e o participante tem 25 anos de idade a funcionaria a Escola Bilíngue. Os participantes têm 19 a 24 anos de idades em Universidade de Brasília. A maior dos surdos respondeu ao questionário aplicado. Entre as perguntas, uma que diz respeito à matrícula/frequência à Escola Bilíngue Libras e Português Escrita em Taguatinga, os cinco dos seis surdos que responderam o questionário frequentam a Universidade de Brasília.

A partir das respostas dos dezesseis sujeitos surdos matriculados na Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga, com base em questionário elaborado pela pesquisadora, estudante da Universidade de Brasília e aplicado aos estudantes, foi possível obter uma série de reflexões:

- a. A maioria dos pais de surdos, não sabe se comunicar LSB, e alguns sabem pouco comunicar com os filhos surdos.
- b. A barreira da comunicação com pais, que dificilmente se entende, usa a linguagem gestual com filhos surdos.
- c. A maioria dos surdos usam o português escrito para se comunicar os pais ouvintes, depender uso orais, mas o mesmo que dificilmente se comunicar.

1.2. DEPOIMENTOS DOS PAIS NÃO SURDOS DE FILHOS SURDOS

1.2.1. Questionário com pais não surdos de filhos surdos

Tabela 5 – Questionário com pais não surdos de filhos surdos na Escola Bilíngue em Taguatinga

MÃE	<i>MULHER MARAVILHA</i>	<i>CAPITÃ MARVEL</i>	<i>VÍUVA NEGRA</i>	<i>CHIQUINHA</i>	<i>DONA FLORINDA</i>	<i>DONA BENTA</i>
Idade	38	-----	-----	-----	27	-----
Você é surdo ou não surdo?	Não-surdo	Não-surdo	Não-surdo	Não-surdo	Não -surdo	Não-surdo
Você tem quantos filhos surdos?	Apenas um	Um	Um	Um	Um	Um
Qual a idade do(s) seu(s) filho(s) surdo(s)?	4 anos	11 anos	13 anos	12 anos	8 anos	11 anos
Como e quando você descobriu que seu (s) filho(s) era(m) surdo(s)?	Através do teste da orelhinha	Levei ao médico e depois foi encaminhado para CEAL	Procurei um tratamento com medico e fono e depois escola com Libras	Descobri com 5 meses, porque fazia barulho e ele não olhava. Levei ao médico e fez o exame	A partir de 2 anos	Não, demorou para percebermos que era surdo
Seu(s) filho(s) surdo(s)			Já tem Libras	Sim, ele é bem fluente	Sim, na escola	Sim

aprendeu/ram a Libras?	Está aprendendo aos poucos.	Não tem dificuldade em Libras				
Seu(s) filho(s) surdo(s) se comunica com você?	Não, porque paralisa cerebral, autismo e surdo	Sim, em LIBRAS	Sim, em Libras	Sim, em Libras	Sim	Sim, em Libras
Com que idade seu(s) filho(s) adquiriu/adquiram a língua de sinais?	4 anos	7 anos	5 anos	1 ano e 3 meses	5 anos	4 anos
Como você se comunica com seu(s) filho(s) surdo(s)	Não, porque ele não entende	Em gesto e um pouco em libras	Sim, usamos Libras	Sim, em Libras	—	Através de Libras, vídeo e livros
Qual a maior dificuldade você tem para educar seu(s) filho(s) surdo(s)?	Não, porque ele tem deficiência intelectual	A comunicação	Não tem crise	Não	Sim	Ensinar assuntos mais profundos, mais abstratos
Quantas pessoas sabem libras na sua casa?	Sim, um	Ninguém da família sabe Libras	Não tem	Sim, mais e menos	Sim, só que distante, só um	Não, só aprender depois
Você sabe Libras?	Sim, um pouco	Mais e menos	Sim	Sim	Não	Sim
Como você aprendeu libras?	Primeiro na igreja e depois escola do meu filho	Aprendi na escola ao meu filho	Aprendi na escola no curso	Sim, quando ele começou a fazer tratamento	Não aprendi	Sim, aprendi
Você fez algum curso de libras?	Não	Não	Sim, na escola	Sim, CEAD em Goiânia	Não	CAS e FENEIS
Você já atuou como interprete do(s) seu(s) filho(s) surdo(s)?	Já sim, não muito porque também estou aprendendo	Não	Já sim na igreja	Não	Não	Sim, sempre ajudar a interpretar, na igreja, família
Que nota você dá para seu conhecimento em Libras? Fluência/mais ou menos/nada, porque?	Mais ou menos	Mais ou menos	Fluência	Mais e menos	Nada, por oportunidade	Mais ou menos

					que nunca tive	
Seu(s) filho(s) surdo(s) sabe(m) bem o português?	Não, ele não sabe escrever	Não	Um pouco	Sim	Não	Sim
Você se comunica com seu(s) filho(s) surdo(s) pela escrita?	_____	Não	Sim, pouco difícil	Sim	Não	Sim, percebemos muito dificuldade na comunicação em português
Você usa WhatsApp para se comunicar com seu(s) filho(s) surdo(s)?	_____	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Você tem facebook?	Sim	_____	Sim	_____	_____	Sim
Seu(s) filho(s) surdo(s) tem facebook?	_____	_____	_____	_____	_____	Sim

1.2.2. Análise dos depoimentos

Foi possível analisar as respostas de seis questionários aplicados a pais não surdos de filhos surdos matriculados na Escola Bilíngue Libras e Português Escrita.

Os participantes têm 27 e 38 anos de idade, alguns omitiram a idade em suas respostas ao questionário, aplicado em dia de reunião e comemoração do “Dia das Mães”, na Escola Bilíngue de Taguatinga.

A maioria dos sujeitos sabe a língua de sinais brasileira, tem conhecimento em língua de sinais brasileira a relação entre os filhos surdos. Também a maior usar em português escrita com pais não surdos.

A análise dos dados respondidos na aplicação deste instrumento mostrou-nos que:

- a. As mães de surdos sabem comunicar pouco em LSB, ainda não tem fluência, ainda aprender em LSB, mas participam os cursos.

- b. Português escrito pelos filhos surdos, dificulta a comunicação e o entendimento para com os pais não surdos, a maioria comunica com os filhos surdos usando uma mistura de LSB e gestos.
- c. Depende que dificilmente como a educar com filhos surdos, por isso pouco sabe Libras, os pais já ajudam interprete de LSB para filhos surdos qualquer os lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho de pesquisa, que trata sobre a aquisição da Língua de Sinais Brasileira pelo surdo como primeira língua, apliquei um questionário para os pais não surdos e surdos, sobre o assunto de fato que traz problema da comunicação com surdos, porque os pais não conhecem a Língua de Sinais Brasileira, na comunidade surda e sua cultura, sempre com barreiras e falhas na comunicação e é difícil a educação dos filhos surdos, como aprender a língua e como ajudar os surdos. Já acontecer dos pais não saberem ler, escrever, sem alfabetização e letramento e o problema é a relação da família, e os pais não surdos sem saber escrever a primeira língua em Português, comunicam-se com os filhos surdos o possível, se se desentender, porque sua primeira língua é LSB, também tentam se comunicar pela língua oral para surdos é difícil de entender. Os pais não surdos precisam adquirir, também, a LSB, mas como segunda língua.

A maioria dos pais não surdos não sabe a língua de sinais brasileira, o que representa um problema de comunicação e interpretação no ambiente familiar. Devido à barreira linguística, sempre a falha a relação familiar quando pais não surdos não conhecem a estrutura linguística da língua de sinais, com seu potencial de comunicação. Nos questionários respondidos pelos surdos e pais não surdos, ficou claro que há um problema entre eles e que pode ser melhor resolvido se todos tiverem um meio de comunicação comum, a língua de sinais; ainda que para os pais seja como segunda língua e para os surdos seja como primeira língua. Nos depoimentos dos surdos em suas respostas ao questionário fica clara a falta de comunicação visual entre os surdos e seus pais não surdos. Há, também, muita mistura da linguagem gestual com a LSB.

Alguns participam do curso de Libras para comunicar com os filhos para melhorar a comunicação visual, mas não é certo a fluência, ainda há processo de aprender, também os filhos surdos no ensino da primeira língua para os pais não surdos, que aprendem a relação entre os pais não surdos e filhos surdos, também os não surdos que participam na comunidade surda, porque os filhos surdos têm direito

da aquisição da língua de sinais brasileira, os pais de entender e conhecer a aquisição de LSB. Quadros e Karnopp (2004) e Strobel (2018) dizem que o assunto é teórico, a realidade é a linguística e a cultura surda.

ANEXOS

Anexo 1: Questionário semiestruturado para surdos filhos de pais não surdos

Anexo 2: Questionário semiestruturado com pais não surdos de filhos surdos

Anexo 1

Questionário semiestruturado para surdos filhos de pais não surdos

1. Qual a sua idade hoje?
2. Como sua família descobriu que você é surdo?
3. Que idade você tinha quando sua família descobriu que você é surdo?
4. Que idade você tinha quando você entendeu que é surdo?
5. Como você aprendeu Libras? Onde?
6. Você convive com surdos sinalizantes, que participam de comunidades dos surdos?
7. Como você se comunica com seus pais ouvintes?
8. Com que idade você começou a aprender a língua de sinais brasileira?
9. Seus pais ouvintes sabem Libras?
() são fluentes em libras () sabem pouco () não sabem nada
10. Qual sua maior dificuldade para se comunicar com seus pais?
11. Quantas pessoas sabem libras na sua casa?
12. Você se comunica com seus pais pela escrita?
13. Você usa WhatsApp para se comunicar com seus pais?
14. Português é fácil para você?
15. Seus pais têm facebook?
16. Seus pais obrigaram você a aprender a língua portuguesa falada?

Anexo 2

Questionário aplicado aos pais não surdos de filhos surdos

1. Você é surdo ou não surdo?
2. Você tem quantos filhos surdos?
3. Qual a idade do(s) seu(s) filho(s) surdo(s)?
4. Como você descobriu que seu(s) filho(s) era(m) surdo(s)?
5. Quando seu(s) filho(s) surdo(s) aprendeu/ram a Libras?
6. Como seu(s) filho(s) surdo(s) se comunicam?
7. Com que idade seu(s) filho(s) surdo(s) adquiriu/adquiriram a língua de sinais?
8. Como você se comunica com seu(s) filho(s) surdo(s)?
9. Qual a maior dificuldade você tem para educar seu(s) filho(s) surdo(s)?
10. Quantas pessoas sabem libras na sua casa?
11. Você sabe Libras?
12. Como você aprendeu libras?
13. Você fez algum curso de Libras?
14. Você já atou como intérprete do(s) seu(s) filho(s) surdo(s)?
15. Que nota você dá para seu conhecimento em Libras?
() Fluência () Mais ou menos () Nada,
porque? _____
16. Seu(s) filho(s) surdo(s) sabe(m) bem o português?
17. Você se comunica com seu(s) filho(s) surdo(s) pela escrita?
18. Você usa WhatsApp para se comunicar com seu(s) filho(s) surdo(s)?
19. Você tem facebook?
20. Seu(s) filho(s) surdo(s) têm facebook?

REFERÊNCIAS

- ALBRES E SARUTA - Neiva e Moryse – Programa curricular de Língua Brasileira de Sinais para surdos - 2012-Disponível em <file:///C:/Users/Windows/Downloads/PROGRAMA%20CURRICULAR%20DE%20LIBRAS%20PARA%20SURDOS.pdf> – Acesso em 30/03/2019
- BASSO, STROBEL E MASUTT – Idavania, Karin e Mara – Metodologia de Ensino de Libras-L1-2009 Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf. Acesso em 30/03/2019
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 20/05/2019.
- BRASIL, Lei 10.436/2002, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 20/05/2019.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antônio Luiz de Toledo Pinto, Marcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes- 38. ed.Atual.-São Paulo: Saraiva, 2006.
- BUZAR, Francisco Jose Roma, Interseccionalidade entre raça e surdez: A situação de surdos (as) negros(as) em São Luis - MA, Mestrando em Educação: Universidade de Brasília, 2012. Disponível em repositorio.unb.br/bitstream/10482/12219/1/2012_FranciscoJoseRomaBuzar.pdf. Acesso em 25/06/2019.
- CONRADO, Katia Regina. Currículo Surdo: LIBRAS na escola desenvolvimento da cultura Surda. Doutorado em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017
- CORREA, Leticia Maria Sicuro. Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Linguístico. Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.
- DEUCHAR, Margaret, Língua de sinais britânica._Editora: Routledge & Kegan Paul, Londres, Inglaterra Londres, Inglaterra, 1984
- GESSER, Andrei, Libras? Que lingue é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOLDIN-MEADOW, Susan. A resiliência da linguagem: o que a criação de gestos em crianças surdas pode nos dizer sobre como todas as crianças aprendem a linguagem. Nova Iorque: Psychology Press, 2003
- LIMA-SALLES, H. M. M. L. e NAVES, R. R. (org.). LIMA-SALLES e NAVES. Estudos gerativos: Fundamentos Teóricos e de Aquisição de L1 e L2: Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos. Goiânia: Cànone Editorial, 2010.

LILLO-MARTIN, Diane. Estudos de aquisição de língua de sinais. Em Edith Bavin (Ed.), *The Cambridge Handbook of Child Language*, 399-415. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LOURENÇO, Katia R. Conrad, *Políticas Públicas de Inclusão: O Surdo no Sistema de Educação Básica Regular do Estado de São Paulo*. São Paulo, PUC-SP, 2013.

LOURENÇO, Katia R. Conrad, *Currículo Surdo: Libras na escola e desenvolvimento da Cultura Surda*. São Paulo, PUC-SP, 2017.

KARNOPP, Lodenir Becker, *Aspectos da Aquisição de Sinais por Crianças Surdas*. Rio de Grande Sul, UFRGS, 2011.

Mendonça, Carvalho, Domingues e Faria, L.M, T.W, L.S e A.C.C, *A importância da LIBRAS como componente curricular na Ed. Básica*, 2018.

PAVIA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 1ª ed., 2014.

PERLIN E STROBEL, Gladis e Karin, *Fundamentos da Educação de surdo*. Florianópolis, UFSC, 2008.

QUADROS E CRUZ, Ronice Muller e Carina Rebello, *Aquisição e Desenvolvimento da linguagem na criança surda*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS E PIZZIO – Ronice Muller de e Aline Lemos – *Aquisição da Língua de Sinais*. Florianópolis, UFSC, 2011

QUADROS, R. M. de, CRUZ, C., PIZZIO, A. L. *Desenvolvimento da língua de sinais: a determinação do input*. In: 8º Congresso Internacional da ISAPL. Porto Alegre, 2007.

QUADROS, Ronice Muller, *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997: reimpressão, 2008.

QUADROS, Ronice. Müller de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, STUMPF E LEITE, R. M. de; M. R. e T. de A. (org.). QUADROS, R. M. *Contextualização dos estudos linguísticos sobre Libras no Brasil - Ronice Quadros: Estudos da Língua de Brasileira de Sinais: volume I*. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi. (org.). QUADROS & STUMPF, R. M. e M. R. *Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos- Quadros e Stumpf: Estudos da Língua Brasileira de Sinais: volume IV*. Florianópolis: Editora Insular: PGL/UFSC, 2018.

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi. (org.). JUNIOR, L. A. Z. *Os parâmetros fonológicos nas produções em libras como segunda modalidade de usuários iniciantes- Quadros e Stumpf: Estudos da Língua Brasileira de Sinais: volume IV*. Florianópolis: Editora Insular: PGL/UFSC, 2018.

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi. (org.). SILVA & SOUSA, A. A. da e R. S. *Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos- Quadros e Stumpf: Estudos da Língua Brasileira de Sinais: volume IV*. Florianópolis: Editora Insular: PGL/UFSC, 2018

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi. (org.). SPENCE & MACHADA, R. S. e F. de A. *Considerações sobre a criação de antologia de poemas*

em línguas de sinais - Quadros e Stumpf: Estudos da Língua Brasileira de Sinais: volume IV. Florianópolis: Editora Insular: PGL/UFSC, 2018.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica. Campinas – SP: Autores Associados, 2011.

SKLIAR, Carlos (organizador). SKLIAR, Carlos. A localização política da educação bilingue para surdos. Skliar: Atualidade da educação bilingue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, Carlos (organizador). KYLE, Jim. O ambiente bilingue: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para os surdos. Skliar: Atualidade da educação bilingue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, Carlos (organizador). JOKINEN, M. Alguns pontos de vista sobre a educação dos surdos nos países nórdicos. Skliar: Atualidade da educação bilingue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, Carlos (organizador). DORZIAN, Ana. Bilinguismo e surdez: para além de visão linguística e metodológica. Skliar: Atualidade da educação bilingue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas (SP): Mercado de Letras; 2004.

STOBREL, Karin, As imagens do outro sobre a cultura surda. UFSC: 4ª Ed. 1 reimp.- Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2018

ILUSTRAÇÕES

FREITAS, Enos Figueredo, LIBRAS, Abordagem Teórica, IFBAIANO, Senhor do Bonfim-BA, 2015, Disponível em <http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/bonfim/files/2015/03/TEXTO-BASE-LIBRAS-pagina-cursos-superiores.pdf>, Acesso em 25/06/2019

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. C.L. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue. Vol. I e II. 3ª edição. Editora: Edusp. São Paulo, 2013.

QUADROS, Ronice. Müller de; KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

FERREIRO-BRITO, Lucinda Por uma Gramática Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileira, 2010.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia & NASCIMENTO, Cristiane Batista. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS: Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa em foco. 2ª edição. Florianópolis-SC, UFSC, 2010. ISBN:978-85-60522-25-5.

SILVA, F.I, REIS, F, GAUTO, P.R, LIMA DE SILVA, S. G. Aprendendo Língua Brasileira de Sinais como segunda língua. IFSC: Palhoça Bilingue, 2007/2008. Disponível em [http://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-libras-basico/Apostila Libras Basico IFSC-Palhoca-Bilingue.pdf](http://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-libras-basico/Apostila_Libras_Basico_IFSC-Palhoca-Bilingue.pdf). Acesso em 5/06/2019.

https://search.alexanderstreet.com/preview/work/bibliographic_entity%7Cbibliographic_details%7C3262506 Acesso em 5/06/2019.

FELIPE, Tanya A. Libras em Contexto: curso básica livro do estudante. 8ª edição Brasília, 2007. Disponível em https://pt.slideshare.net/Jorgee_big/libras-em-contexto Acesso em 5/06/2019.